



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ANNA KAROLINE DA SILVA SANTOS**

**QUINHENTOS ANOS DA CASA BRASILEIRA: Transformações  
arquitetônicas na cidade de Campina Grande (1930-1950).**

**CAMPINA GRANDE**

**DEZEMBRO- 2018**

**ANNA KAROLINE DA SILVA SANTOS**

**QUINHENTOS ANOS DA CASA BRASILEIRA: Transformações  
arquitetônicas na cidade de Campina Grande.**

Trabalho de Conclusão de Curso em forma de monografia apresentado ao curso de História pela Universidade Estadual da Paraíba, com requisito parcial à obtenção do título de licenciada em História.

Orientador: Prof. Pós. Dr. Juvandi de Souza Santos.

**CAMPINA GRANDE**

**DEZEMBRO- 2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S237q Santos, Anna Karoline da Silva.  
Quinhentos anos da casa brasileira [manuscrito] : transformações arquitetônicas na cidade de Campina Grande (1930-1950). / Anna Karoline da Silva Santos. - 2018.  
80 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Prof. Dr. Juvandi de Souza Santos, Coordenação do Curso de História - CEDUC."  
1. Patrimônio Histórico. 2. Campina Grande. 3. Patrimônio arquitetônico. 4. Arquitetura. I. Título  
21. ed. CDD 363.69

ANNA KAROLINE DA SILVA SANTOS

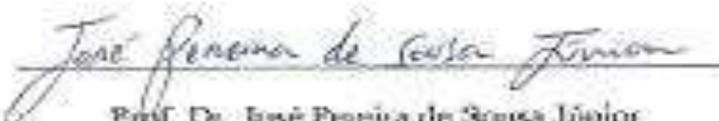
QUINHENTOS ANOS DA CASA BRASILEIRA. Transformações  
arquitetônicas na cidade de Campina Grande.

Trabalho de Conclusão de Curso em  
forma de monografia, apresentado ao  
curso de História da Universidade  
Estadual da Paraíba, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
Licenciada em História.

Aprovada em: 06/10/2018

BANCA EXAMINADORA

  
Prof. Pós. Dr. Juvandi de Souza Santos (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. José Pereira de Sousa Júnior  
UEPB/PPGH-UFCG

  
Prof. Ms. Thomas Bruno Oliveira  
Prefeitura Municipal de Campina Grande

Aos meus pais, pela dedicação,  
companheirismo e amizade DEDICO.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por essa oportunidade, pelos desafios que vivi e venci em Campina Grande, tanto as minhas conquistas como estudante e também como mulher.

Ao meu pai Francisco das C. Santos, por todo apoio que me foi dado, por toda atenção, pela compreensão de minha ausência em alguns momentos familiares, pelas dores que sentimos juntos nos últimos anos e pelas grandes oportunidades que me foram dadas.

À minha mãe Eliane F. S. Santos, que é uma grande mulher em minha vida, que és o meu grande amor, meu refúgio. Aonde me sinto acolhida e amada, agradeço por tudo que fez por mim, por ter segurado minha mão em momentos de dores profundas, por ter estado comigo em momentos de grandes vitórias e ser sempre minha principal incentivadora.

À minha avó Francisca Agripina que mesmo distante indiretamente estava me ajudando e dando o apoio nos momentos de maiores dores, nos momentos no qual pensei em desistir foi por muitas vezes uma grande apoiadora, principalmente por me fazer enxergar que eu seria maior do que tudo aquilo que estava passando na minha vida.

Às minhas irmãs que passaram por todas as etapas da minha vida comigo, no qual passamos cerca de seis anos juntas compartilhando experiências, trocando ideias e sendo todos os dias pai, mãe e amigas.

Aos meus tios, E.H.O.S, S.F.S, G.L e meu avô Edmundo Paizinho por sempre estarem comigo em todos os momentos e serem muitas vezes pai e mãe, sempre nos apoiaram e torceram por essa conquista, sempre me oferecendo ajuda. A eles sou grata.

Aos meus avós paternos Celso J. S. e Francisca A. S.(*in memoriam*), embora fisicamente ausente, sentia sua presença ao meu lado, dando-me força, sei que estariam felizes e participando juntamente comigo de cada conquista.

Ao meu namorado, Igor G. Falcão que apesar do pouco período juntos em Campina Grande participou de grandes momentos da minha vida, tanto em momentos tristes que por muitas vezes foi âncora na minha vida e me fez levantar-se, como também de momentos extremamente felizes, de grandes vitórias e conquistas. A você eu agradeço e a todo o apoio que recebi de sua família que me acolheu calorosamente. você sem

dúvida é uma peça valiosa e importe na minha vida, no qual desejo ter para o resto da minha vida.

Aos meus amigos e colegas que desde sempre estiveram ao meu lado, alguns há anos e outros há meses, mas que não poderia deixar de citá-los, pois fizeram parte direta e indiretamente dessa etapa.

Ao professor Juvandi de Souza Santos pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela sua grande dedicação. Além de um grande orientador foi um grande amigo ao longo desse período.

Aos professores que aceitaram avaliar essa banca, colaborando com seus conhecimentos e sugerindo melhorias em minha produção, em especial ao Professor José P. Júnior, que desde o meu 4º período do curso esteve presente na minha vida.

Aos professores do Curso de Licenciatura em História da UEPB que contribuíram ao longo de quatro anos pela minha formação acadêmica, onde muitos não foram apenas professores, mas sim grandes amigos.

Enfim, a todos eu agradeço e dedico este trabalho de conclusão final da minha graduação, pois todos tiveram participações nesse longo processo de aprendizagem.

**OBRIGADA!**

“Eu amo a minha [província] menos por causa de seus cajueiros, de seus coqueiros, de suas mangueiras, de suas jaqueiras, das águas dos seus rios, das suas noites de lua, de seus meios-dias de sol, do que por causa de sua gente e do seu passado e de tudo que a sua gente fez aqui e continua a fazer de expressivo de uma intensa personalidade regional e ao mesmo tempo de uma larga sensibilidade humana: os sobrados, as igrejas, as ruas estreitas calçadas a pedra de Lisboa, as jangadas, os mucambos, os engenhos, [...] os jardins.”

Gilberto Freyre,  
*Região e tradição*, p. 26

## RESUMO

O principal objetivo deste trabalho é de investigar as transformações do urbano e da arquitetura do Brasil, bem como, focando de maneira peculiar as residências da cidade de Campina Grande, cidade do interior da Paraíba. A pesquisa foi feita a partir de levantamento de fontes primárias, que investiga o processo de modernização da cidade, acerca de uma revisão historiográfica. O intuito e objetivo desse trabalho é compreender e reunir dados que venham nos proporcionar e gerar entendimentos acerca das evoluções arquitetônicas principalmente as residenciais, tanto no que diz respeito aos seus devidos aspectos estético, como também em suas disposições comportamentais. A pesquisa situa-se no espaço de tempo do Brasil Colônia até chegada das ideias modernistas no país, principalmente os períodos de 1850 até 1950, onde utilizaremos a cidade de Campina Grande a partir de 1930, expondo como se configuraram as suas modernidades e suas formas, usos, edifícios e infraestrutura ao longo do tempo. E sobre a influência dos discursos e práticas higienistas no cotidiano que contribuíram para diversas modificações, principalmente voltadas ao processo de “modernização” que ocorreu na cidade, como por exemplo, a influência do estilo Art Dèco que substituiu várias construções ecléticas ficando registradas apenas por fotografias ou em forma de documentação no Arquivo Público Municipal de Campina Grande. Dessa maneira, foi observada residências que se tornaram destaques pela paisagem urbana, algumas mantendo características originais, outras que sofreram transformações catastróficas, por terem sido modificadas ou demolidas para dar espaço a edificações modernas. Por fim, examina-se ações que adaptara a arquitetura e a antiga estrutura urbana campinense a novos padrões estéticos, fornecendo subsídios para política de documentação e preservação, ressaltando sobre a importância da arquitetura.

**Palavra-Chave:** Arquitetura. Patrimônio Histórico e Campina Grande.

## ABSTRACT

The main objective of this work is to investigate urban and architecture transformations of Brazil, as well as, focusing in a peculiar way on the residences of the city of Campina Grande, a city in the interior of Paraíba. The research was done from survey of primary sources, which investigates the modernization process of the city, about a historiographical review. The aim and purpose of this work is to understand and gather data that will provide us and generate understandings about the architectural developments, especially residential developments, both with regard to its due aesthetic aspects, as well as in its behavioral dispositions. The research is located in the space of time from colony Brazil until the arrival of modernists' ideias in the country, especially the periods from 1850 to 1950, where we will use the city of Campina Grande starting from 1930, exposing how it is configured its modernities and its forms, uses, buildings and infrastructure over time. Also about the influence of hygienist discourses and practices in daily life that contributed to various changes, mainly focused on the process of "modernization" that occurred in the city, for example, the influence of the Art Deco style that replaced several eclectic buildings which were recorded only by photographs or in the form of documentation in the Municipal Public Archive of Campina Grande. In this way, it was observed houses that have become prominent in the urban landscape, some of them maintained the original characteristics, others that suffered catastrophic transformations, for having been modified or demolished to make room for modern buildings. Finally, it is examined the actions that adapted the architecture and the "campinense" old urban structure to new aesthetic standards, providing subsidies for the documentation and preservation policy, highlighting the importance of architecture.

**Keyword:** Architecture. Historical Patrimony. Campina Grande.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b>	Fazenda do Secretário.	18
<b>Figura 2</b>	Mucambos nos Arredores de Recife- PE.	20
<b>Figura 3</b>	Sobrados coloniais no centro histórico de João Pessoa- PB.	20
<b>Figura 4</b>	Planta baixa da Casa-Grande e Senzala.	22
<b>Figura 5</b>	Planta baixa de apartamento para acomodação de três pessoas.	22
<b>Figura 6</b>	Planta baixa de sobrado.	24
<b>Figura 7</b>	Perspectiva sobral colonial.	25
<b>Figura 8</b>	Planta Baixa Casa Térrea.	26
<b>Figura 9</b>	Casa térrea em Paraty.	26
<b>Figura 10</b>	Casa com porão alto e jardim lateral na cidade de Areia-PB.	30
<b>Figura 11</b>	Esquema de residência com jardim lateral na cidade de Campina Grande-PB.	32
<b>Figura 12</b>	Chalé isolado no centro do terreno. As águas correm para as laterais.	34
<b>Figura 13</b>	Vila Nova da Rainha, fundada em 1790.	49
<b>Figura 14</b>	A década de 1940 considerada a de maior impacto urbano e desenvolvimento da cidade.	51
<b>Figura 15</b>	Rua Monsenhor Sales – Beco 31.	54
<b>Figura 16</b>	Rua Maciel Pinheiro em dia de Feira.	56
<b>Figura 17</b>	Aspecto das transformações urbanas na Rua Marquês do Herval, 1942.	57
<b>Figura 18</b>	Rua Maciel Pinheiro, exemplo de arquitetura Art Dèco na cidade.	59
<b>Figura 19</b>	Solicitação de licença para executar trabalhos de reformas.	62
<b>Figura 20</b>	Solicitação de licença para construção de pavilhão na Rua Vidal de Negreiros.	63
<b>Figura 20.1</b>	Planta anexada a solicitação de licença.	63
<b>Figura 21</b>	Projeto para construção de nove casas na Rua Otacílio Albuquerque.	65
<b>Figura 22</b>	Planta da residência de Maria das Graças de Azevedo na Rua Otacílio Albuquerque.	67
<b>Figura 23</b>	Residência na Rua Vidal de Negreiros, atualmente ponto para estacionamento.	68
<b>Figura 24</b>	Residência na Rua Peregrino de Carvalho.	69
<b>Figura 25</b>	Pedido de licença para reformar uma residência na Rua Barão do Abiay.	70
<b>Figura 26</b>	Projeto para construção de uma residência na Rua Vidal de Negreiros.	70
<b>Figura 27</b>	Projeto para construção residencial na Rua Vidal de Negreiros.	71

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>Antropologia e a casa Colonial .....</b>	<b>16</b>
2.1	<i>Rápida Introdução acerca do que aborda a literatura sobre nossa temática.....</i>	16
<b>3</b>	<b>1850- 1950, Cem anos de Arquitetura Brasileira .....</b>	<b>28</b>
3.1	<i>Os primórdios da Arquitetura Brasileira .....</i>	28
<b>4</b>	<b>Políticas Públicas e Patrimônio Histórico .....</b>	<b>41</b>
4.1	<i>A importância sob preservar o Patrimônio Histórico .....</i>	41
4.2	<i>O tombamento como instrumento de preservação .....</i>	45
4.3	<i>Campina Grande, Uma cidade em desenvolvimento .....</i>	48
<b>5.0</b>	<b>Arquitetura em Campina Grande no século XX.....</b>	<b>53</b>
5.1	<i>Desenvolvimento urbano e artístico de Campina Grande .....</i>	53
5.2	<i>Campina uma cidade cada vez mais engrandecida. A cidade Moderna.....</i>	58
5.3	<i>A evolução do centro de Campina Grande vista a partir de fachadas residenciais.....</i>	61
<b>6.0</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>72</b>
<b>7.0</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>76</b>
7.1	<i>Website.....</i>	80

## INTRODUÇÃO

O presente estudo consiste em um levantamento histórico da arquitetura nacional e local, focando de maneira particular as residências. Buscando reunir através de pesquisas em diferentes meios e publicações, dados que venha proporcionar um melhor entendimento sobre a evolução dessas fachadas, tanto no que se refere ao aspecto estético quanto ao que motivou as famílias brasileiras a mudarem constantemente o estilo da casa do Brasil. Este trabalho parte acerca das produções nacionais de arquitetura, buscando entender como surge o interesse de se trabalhar esse panorama atual da arquitetura no Brasil, buscando em seu passado a existência das referências para os projetos desenvolvidos até os dias de hoje.

Esse espaço sofreu alterações ao longo do tempo e foi transformando-se, sempre se renovando, encontrando algumas novas soluções que pudesse atender as necessidades de seus moradores. E é exatamente sobre essa evolução no espaço de habitação do brasileiro que nos permite uma visão cronológica e integrada ao longo dos quinhentos anos do Brasil.

Alguns autores abordados na pesquisa vêm trabalhar o que seria a figura de casa para nós. O que nos leva a refletirmos se seria um abrigo, um repouso, uma casa estilo português ou uma casa estilo brasileira, se seriam ocas de índios ou se seriam cabanas africanas. E tudo vem a ser citado ao longo texto, tudo amalgamado e reinterpretado segundo as tais condições materiais, sociais e culturais. Com toda essa diversidade, foi se criando um espaço bem brasileiro, um tanto único e bastante original, criado especialmente para as famílias brasileiras. As interpretações sobre os espaços arquitetônicos de morar são bastante interpretadas como forma de um resultado acerca de um vasto processo criativo, que passa a ser conduzido a partir das necessidades sociais e culturais. O espaço habitacional no Brasil é um rico e inesgotável campo de criação que aqui é abordado sob vários aspectos.

A pesquisa buscará situar-se em ruas da cidade de Campina Grande, onde iremos identificar essas mudanças nas construções arquitetônicas do centro urbano da cidade. A urbanização de Campina Grande se deu pelo forte vínculo através de suas atividades comerciais desde o seu início até atualmente. A cidade de Campina Grande foi o lugar de descanso dos tropeiros, em seguida transformou-se em uma grande feira geral, que é destaque para a Paraíba, bem como para o Nordeste. Por fim a cidade dar-se um grande

salto em seu desenvolvimento através do algodão popularmente conhecido como “Ouro Branco”, onde passou a ser a segunda maior exportadora de algodão no mundo.

Campina Grande que antes foi ocupada pelos índios Ariús no período de 1697, assim, passando por diversas transformações de caráter evolutivo a cidade vai se modificando e já no ano de 1769 é elevada a freguesia Nossa Senhora da Conceição. E somente após 19 anos, foi que Campina Grande liberta-se das dependências da Freguesia de Milagres, formada pela aldeia de Cariri. Foi a partir daí onde ela teve maior desenvolvimento sendo responsáveis por essas tais mudanças de forma contínua da casa dos brasileiros. No dia 11 de outubro de 1864 Campina Grande se eleva a categoria de município. E daí, a cidade passa por um desenvolvimento urbano e artístico no final do século XIX e início do século XX no qual podemos destacar a construção dos primeiros sobrados na cidade.

Porém, a cidade só veio tomar proporções de cidade, dar um salto ainda maior, quando em 1907 a linha férrea de Recife foi expandida, ligando a capital pernambucana à cidade de Campina Grande. Logo no início do século XX após a farinha e a pecuária, o algodão passou a ser à base da economia campinense. Foi a partir dessa data que foram identificados alguns períodos em que, pelo menos uma política pública foi considerada como responsável pela expansão urbana.

Com a crise do café em São Paulo, este passa a produzir algodão como alternativa de economia. No ano de 1933, São Paulo já produzia 105 milhões de quilos<sup>1</sup>. Vários fatores vieram à tona como responsáveis para o declínio de Campina Grande em questões ao algodão. Sendo eles, a inexistência de um porto na Paraíba, isso fazia com que Campina Grande fosse cada vez mais dependente da capital pernambucana; o preço cobrado em relação aos produtos de São Paulo; e por fim o ingresso de empresas estrangeiras no mercado do algodão, além da praga do bicudo na década de 1980.

Do ano de 1930 até 1945 a cidade passará por uma grande e questionável transformação em sua reforma urbanísticas, que resultou de uma política pública municipal urbana. Ocorreu um processo de aceleração de modificação do espaço urbano campinense. A vontade de dar novas feições à cidade com a ideia de progresso foi o que teria feito Vergniaud Wanderley ter dado início à chamada “*Revolução urbana de*

---

<sup>1</sup> Retalhos de Campina.

*Campina*”, onde ele incentivava a derrubada de construções históricas em toda a região central da cidade. Trata-se de um projeto de Art Déco.

A pesquisa se valerá a respeito dessa evolução urbana e artística que passa a cidade entre as décadas de 1930 a 1950. Apontando modelos arquitetônicos encontrados no centro da cidade como o Art Déco, Neocolonial, Missões e Bangalôs. Usaremos como referências algumas ruas do centro urbano da cidade, com: Barão do Abiay, Vidal de Negreiros, Otacílio Albuquerque, Irineu Jófilly e dentre outras de grande importância para essa pesquisa.

Dessa maneira, foram observadas ao longo da pesquisa de campo, algumas residências que se tornaram símbolos de destaques por suas paisagens na cidade. Algumas mantiveram as suas características originais, outras sofreram transformações catastróficas por terem sido demolidas para dar lugares a outras edificações.

No entanto, mesmo após o oficial tombamento e o reconhecimento, a cidade, com suas diversas universidades e associações, não se consegue frear um intenso processo de “desenvolvimento” que impera a cidade causando o desconfiguramento no seu Centro Histórico.

Os resultados que mostram a pesquisa foram feitos a partir de referências textuais e visuais, mostrando as influências e os debates que envolvem a arquitetura ao período de estudo proposto. Buscamos mostrar a integração entre o homem e a casa. No qual o espaço da casa se faz transcender ao espaço geométrico, compreendendo a casa sempre como uma realidade visível e tangível. A casa adquire valores humanos, esse objeto geométrico se transforma em humano, assim podemos entender a casa como um espaço de conforto e intimidade.

Dessa forma, o trabalho ficou estruturado em quatro capítulos, a saber: O capítulo 1 trata-se da antropologia e a casa no período colonial, abordando de maneira introdutória as literaturas sobre essa temática. Focando as produções dos espaços arquitetônicos de morar, como forma de resultado do vasto processo criativo, conduzido a partir das necessidades sociais e culturais; Capítulo 2, abordará um período destinado a cem anos da arquitetura brasileira, especificamente de 1850- 1950. Trazendo ao leitor um leitura do início do século XIX mostrando a cidade brasileira com sua arquitetura de forma tradicional; Capítulo 3, apresentamos um cenário de Políticas Públicas e a importância

de se preservar o Patrimônio Histórico, bem como, os devidos tombamentos como instrumento para a preservação; Por fim, o capítulo 4 irá nos trazer a arquitetura de Campina Grande a partir do século XX, com a sua política desenvolvimentista urbana e artística implantada pelo prefeito Vergniaud Wanderley. A sua evolução vista a partir do centro histórico, devidamente focando nas fachadas residenciais.

## Capítulo 1: Antropologia e a casa Colonial

*“Era uma casa muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada. Ninguém podia entrar nela não, porque na casa não tinha chão. Ninguém podia dormir na rede porque na casa não tinha parede.”*

Vinícius de Moraes, 1980.<sup>2</sup>

### ***1.1 Rápida introdução acerca do que aborda a literatura sobre nossa temática.***

As produções dos espaços arquitetônicos de morar são interpretadas como forma de resultados de um vasto processo criativo que é conduzido a partir das necessidades sociais e culturais. O espaço habitacional no Brasil é um rico e inesgotável campo de criação que aqui é abordado sob vários aspectos. Iremos mostrar a integração entre o homem e a casa, e, como diz G. Bachelard, “longe de qualquer referência às simples formas geométricas”<sup>3</sup>.

O espaço de habitar excede ao espaço geométrico. Queremos nesse primeiro momento compreender a casa como uma realidade visível e tangível. A casa é vivida pelo homem, ela adquire valores humanitários, esse simples objeto em forma de geometria transforma-se em humano, assim que começamos a entendermos a casa como um espaço de conforto e intimidade. Sonhos e realidades, nunca serão definitivamente resolvidos. A vivência humana nunca apagará as objetividades da casa, sempre existirá a intimidade do passado, sempre iremos reencontrá-los. “Porque a casa é o nosso rincão do mundo. É, diz-lhe como frequência, nosso primeiro universo. É realmente um cosmo”<sup>4</sup>.

Relatos históricos de alguns autores são bastante significativos para explicar de maneira bem peculiar como surgiu a casa no Brasil de acordo com Veríssimo e Bittar.

[...] o português foi uma espécie de coordenador, orientador e homogeneizador dessa moradia. Com o índio, aprende que cozinhar nos trópicos é uma tarefa a ser feita do lado de fora; numa varanda ou num puxado do lado da casa. A solução para o escoamento das grandes chuvas ele copia da experiência aprendida no Oriente, trazendo dessas regiões as inflexões dos telhados e dos beirais alongados com desenhos graciosos. De

<sup>2</sup> Trecho da música La Casa, de Bordotti, Toquinho e Vinícius de Moraes incluída no LP “Toquinho, Vinícius e amigos”, 1974.

<sup>3</sup> BACHELARD, Gaston. 1972, p.220.

<sup>4</sup> Idem, *ibid.*, p. 221.

Portugal traz as paredes caiadas e os portais coloridos, tão comuns nas paisagens do Minho, do Alentejo e do Algarve. Transforma a pequena casa portuguesa, por força do modelo econômico, numa 'casa-grande', à qual agrega os escravos africanos num puxado ao lado da cozinha, que se denominou senzala.<sup>5</sup>

Foram a partir dessas influências que nasceu a casa do Brasil, com uma forma única e bastante adaptada aos moldes da realidade social e geográfica. Um modelo que espalhou-se rapidamente por todo o território nacional e que por muito tempo perpetuou-se, sem se quer perder a sua originalidade e identidade.

Gilberto Freyre em (1933), nas duas de suas grandes obras, *Casa-Grande & Senzala* e *Sobrados e Mucambos*, ambas enfatizam a formação da sociedade brasileira no contexto da miscigenação entre brancos, principalmente aos portugueses, negros das várias nações africanas e dos diferentes indígenas que aqui habitavam, e que na opinião do Freyre o próprio modelo arquitetônico da casa-grande expressaria o modo da organização social e político do Brasil, o patriarcalismo. Essas estruturas de casas seriam capazes de incorporar a vários elementos da propriedade fundiária do Brasil Colônia. O padrão que se expressa na casa-grande é formulado para abrigar desde os escravos até os filhos do patriarca e suas respectivas famílias.

A casa-grande e a senzala representam o marco do início da arquitetura tipicamente brasileira. Antes disso, tudo que se construiu no Brasil era uma herança arquitetônica, mesmo que mais pobre, da cultura Lusitânia. Podemos definir que a casa-grande e a senzala foi o início de tudo. Este marco foi tão importante para a cultura brasileira que foi soberbamente descrita na obra de Gilberto Freyre intitulada "*Casa Grande e Senzala*".

Gilberto Freyre, em sua literatura, não irá relatar apenas o cotidiano dessa realidade de então, assim como faz análises socioeconômicas e política do Brasil em seus primórdios patriarcal e no que se sucedeu depois de seu acontecimento. Entre os seus diversos aspectos importantes como marco cultural e socioeconômico das grandes fazendas e sua oligarquia, quero me ater antes de tudo, no aspecto técnico arquitetônico desse período e como ele influencia a nossa arquitetura por séculos que se seguem.

A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social e político: de produção (monocultura latifundiária); de

---

<sup>5</sup> VERÍSSIMO e BITTAR, 1999, p.17

trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (catolicismo de família, com capelão subordinado ao pater familiar, culto dos mortos etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o "tigre", a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo).<sup>6</sup>

Se pararmos para observar bem, vamos identificar facilmente que tudo nesse mundo arquitetônico-social da casa-grande e senzala tinha uma razão de ser. Desde os ambientes desumanos de tortura e castigos aos escravos, aos mais suntuosos ambientes desenhados exclusivamente para o entretenimento da burguesia latifundiária. A realidade da casa grande e senzala era uma realidade de dicotomia: de um lado o luxo e a ociosidade e do outro a escravidão e a exploração humana (Figura 1). Enquanto a classe dominante dos senhores feudais erguia seus casarões nas partes altas das propriedades, os escravos ocupavam as áreas mais baixas e mais insalubres das fazendas.

**Figura 1-** Fazenda do Secretário, Vassouras –RJ.



**Fonte:** Turismo Vale do Café, (2018).

A senzala era uma espécie de habitação ou alojamento para os escravos em engenhos e fazendas no Brasil colônia e do império entre os séculos XVI e XIX e a sua construção obedecia a padrões pobres e de muita simplicidade, eram erguidas dentro da unidade de produção, era o que o Joaquim Nabuco dizia ser "o grande pombal negro"<sup>7</sup>. As senzalas eram galpões de porte médio ou grande em que os escravos passavam a noite. Muitas

<sup>6</sup> FREYRE, Gilberto. 2006 [1933] p.12

<sup>7</sup> O ABOLICIONISTA, 2018

vezes, os escravos eram acorrentados dentro das senzalas para que evitasse fugas. Já a casa-grande ou casas senhoriais, a senzala era desvinculada de qualquer conforto, sendo bastante insalubres, abafadas e desumana, um descaso total. Não havendo privacidade neste tipo de ambiente. Na maioria dessas construções, os escravos chegavam a ocupar um grande espaço aberto praticamente sem janelas e sem paredes divisórias. Na maioria dos casos, seus ocupantes dormiam no chão sobre palhas ou em catres feitos de tábuas rústicas.

Em *Sobrados & Mucambos*<sup>8</sup>(1936), Freyre aborda a decadência do patriarcalismo no Brasil rural, ocorrido por volta do século XIX. Deu-se esse título por ser uma referência aos antigos aristocratas, que com o declínio do regime escravocrata, tiveram que sair da casa-grande para os sobrados e os escravos passaram a abrigar-se nos mucambos. Como consequência dessa queda, podemos observar que a residência brasileira ela passa por mais uma modificação, e dessa vez, ao invés de uma residência rural, passa a ser um novo modelo de residência no centro urbano.

Na época em que ocorreram as publicações das primeiras edições de *Sobrados e Mucambos*, uma das variadas críticas que foram levantadas em relação à obra freyriana dizia respeito a uma eventual simplificação dos tipos de habitação existentes no período em estudo ou à ausência de referências a outras formas de moradia, como por exemplo a tejupaba – espécie de cabana coletiva de influência indígena. Gilberto Freyre contra-argumentou que havia uma diferença de ponto de vista entre sua análise sociológica e os estudos de história da arquitetura civil no Brasil. O critério de estudo era outro. Para Freyre interessava, naquele momento, reconstituir e interpretar a sociedade brasileira patriarcal a partir dos contrastes entre tipos de habitação e formas de habitar, entre tipos de residência e modos de vida.

Gilberto Freyre descreve e analisa, com maior nível de detalhamento, duas formas de habitação: o sobrado e o mucambo, sendo este último característico da região que hoje é o Nordeste do país, mas apresenta outros tipos de moradia urbana e semiurbana, principalmente aquelas de alguma forma relacionadas ao sobrado, ao mucambo ou mesmo à casa grande e à senzala. Trata, assim, da casa grande de sítio, da chácara, das casas térreas, dos sobrados de esquina e mesmo do cortiço, estabelecendo relações entre um tipo de habitação e outro, entre os tipos de habitação e o entorno, entre os tipos de

---

<sup>8</sup> FREYRE, Gilberto. 1936.

habitação e os tipos sociais a que davam abrigo. Em Sobrados e Mucambos, além de estudar esses dois tipos de habitação, Gilberto Freyre faz referência a outras construções de uso residencial comum à paisagem brasileira dos oitocentos: a casa térrea, o sobrado de esquina, o chalé, o cortiço e a casa de sítio ou de chácara (Figuras 2 e 3).

**Figura 2-** Mucambos nos arredores de Recife- PE



**Fonte:** Terra Brasileira (2018).

**Figura 3-** Sobrado coloniais no centro histórico de João Pessoa- PB.



**Fonte:** Blog da Izabelle Valladares (2018)

Ao analisar esses tipos de edificações, Gilberto Freyre vem sugerir a elaboração de uma tipologia que irá estabelecer comparações e hierarquias entre as residências, distinções e semelhanças entre os tipos habitacionais, e relações entre a casa e o meio onde está implantada. Freyre avalia sempre a “A casa maior em relação com a menor, as

duas em relação com a rua, com a praça, com a terra, com o solo, com o mato, com o próprio mar”<sup>9</sup>

Ao olhar sutil do sociólogo, não passaram despercebidas as diferenças de localização do sobrado e do mucambo no espaço urbano. Gilberto Freyre relaciona o tipo de habitação ao local em que está implantado. Compara o sobrado ao mucambo, anota semelhanças e diferenças, justifica uma hierarquia, considera o entorno, os habitantes, a sociedade e o período histórico.

Carlos Lemos aborda em seu livro “A História da casa brasileira”, a devida relação da arquitetura e da antropologia. Esse estudo da arquitetura das chamadas funções de habitação vai nos permitir a compreender esses aspectos sociais, culturais e econômicos da sociedade brasileira ao longo de toda história.

Antes de tudo, o ato de morar é uma manifestação de caráter cultural e enquanto as técnicas construtivas e os materiais variam com o progresso, o habitar um espaço, além de manter vínculos com a modernidade também está relacionado com os usos e costumes tradicionais da sociedade. E como o Brasil é um país multifacetado, as famílias têm expectativas as mais diversas em relação á questão da moradia. Devemos lembrar que a função básica de uma casa é a chamada função abrigo. A casa tem que ser entendida como um invólucro seletivo e corretivo das manifestações climáticas, enquanto oferece as mais variadas possibilidades de proteção.<sup>10</sup>

Trabalharmos as mudanças arquitetônicas no Brasil desde o período colonial até o desenvolvimento planejado das cidades é um dever bastante complexo e um tanto desafiador. Mas, vamos buscar uma determinada relação entre a arquitetura implantada no desenvolvimento do espaço urbano. E justificar esse modo de vida dos brasileiros, incluindo os hábitos e comportamentos, os materiais e desenvolvimentos tecnológicos, entre outras variáveis de cada período da história, deixa bastante claro o reflexo o que se teve na arquitetura do país. As mudanças na história foram essenciais para a modificação da arquitetura brasileira.

A forma de pensar a moradia no Brasil vem a impressionar a vários estrangeiros que aqui passaram, alguns chegaram a fazer breves relatos falando a respeito dos tipos de moradias que ele pode encontrar, da uniformidade e padronização que se pode encontrar. Um dos famosos relatos foi do então viajante no século XIX, L. Vauthier, (1981, p.38), que registrou uma carta ao seu amigo com a seguinte frase “Assim quem

---

<sup>9</sup> FREYRE, Gilberto. 2006 [1933], p. 58

<sup>10</sup> LEMOS, Carlos A. C. 1989, p. 07

viu uma casa brasileira viu quase todas”<sup>11</sup>. Passados anos dessa carta, a concepção de casas e apartamentos ainda mantem as mesmas tradições tanto no pensar e construir, mesmo com tamanhas mudanças no exterior das residências que foram resultados de transformações sociais. As plantas baixas que se seguem (figura 4 e 5), nos fornece a ideia de se “pensar” uma casa em tempos passados no Brasil.

**Figura 4-** Planta baixa da Casa-grande e Senzala, engenho de Mato Dentro.

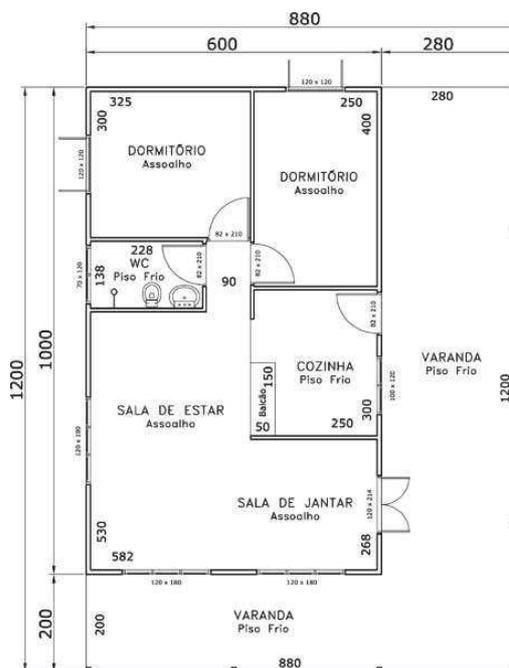


**Fonte :** An. mus. paul. vol.14 no.1 São Paulo Jan./June 2006

---

<sup>11</sup> VAUTHIER, L. L, 1981, p. 38

**Figura 5-** Planta baixa de apartamento para acomodação de três pessoas.



**Fonte:** Habitissimos

As Figuras 4 e 5, apesar do tempo, mostram que a concepção de nossas residências mantém uma tradição intrínseca, um sentido de permanência na setorização, inclusive em valores segregacionistas.

Ao falarmos da casa, logo de imediato vem a nossa memória dezenas de imagens, códigos, reminiscências, livros, músicas e provérbios, que surgem e invade a nossa imaginação. É a casa de bonecas, a casa de brinquedos, a casa da avó, da nossa infância, a casa mal- assombrada, o casarão demolido, a cabana, o casebre, a choupana, a casa de cômodos, enfim, iríamos interminavelmente enumerar milhões de casas.

Sendo assim, trabalhar sobre a evolução do espaço no habitar seria percorrer alguns “quilômetros” de transformações da família brasileira ao longo de cinco séculos, e perceber de maneira bem peculiar que a mudança do papel da mulher na sociedade torna-se fundamental para essas devidas transformações.

Um grande fator que relaciona a moradia surge da composição familiar, essa por sua vez, possuidora de características bastante miscigenadas. Então como podemos definir que residência era essa? Citamos dois modelos que se pode representar bem essa moradia colonial: as Casas térreas e os sobrados. Os dois modelos são caracterizados

por construções erguidas sobre o alinhamento das vias públicas e sobre os limites laterais dos terrenos.

Pode-se afirmar com segurança que durante o período colonial a arquitetura residencial urbana estava baseada em um tipo de lote com características bastante definidas. Apoderando-se sob antigas tradições urbanísticas de Portugal, as nossas vilas e cidades apresentavam ruas com aspectos uniformes. As casas eram urbanas ou rurais. Ainda hoje é possível encontrarmos casas térreas e sobrados de tempos coloniais em cidades históricas como Recife, Salvador, Porto Alegre e em Campina Grande, casas com lotes mais ou menos uniformes com cerca de dez metros de frente e com uma grande profundidade.

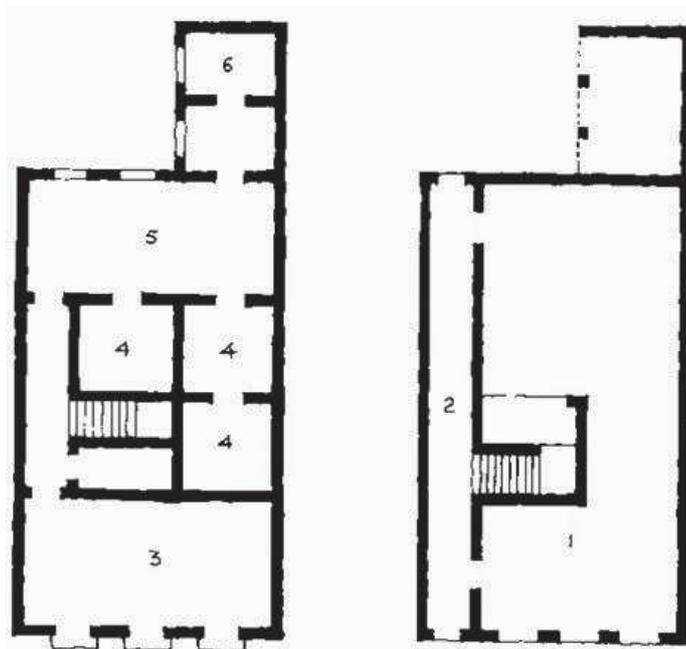
Os sobrados começaram a ser construídos pelas famílias mais abastadas. Estes tinham o pavimento térreo ocupado pelo comércio e o pavimento superior destinava-se a moradia da família – a planta baixa do pavimento superior do sobrado continua a mesma da casa térrea, sem modificações significativas. O pavimento superior corresponde ao inferior – sem reentrâncias ou balanços. É importante ressaltar que apenas famílias que possuíam escravos habitavam os sobrados, pois eram os escravos que faziam todo o transporte de alimentos e demais produtos para a residência<sup>12</sup>

Existiam diferenças fundamentais entre os sobrados e as casas térreas, essas diferenças consistiam no tipo de piso, assoalhado no sobrado e de “chão batido” nas casas térreas. Definiam-se com isso as relações entre os tipos de habitação e os seus status sociais. Habitar em um sobrado significava riqueza e habitar na casa de “chão batido” caracterizava pobreza. Então é por essa razão que os pavimentos térreos dos sobrados quando não estavam sendo utilizados como comércio, deixava-se para acomodação de animais e escravos e nunca pelas famílias dos proprietários (Figuras 6 e 7)

---

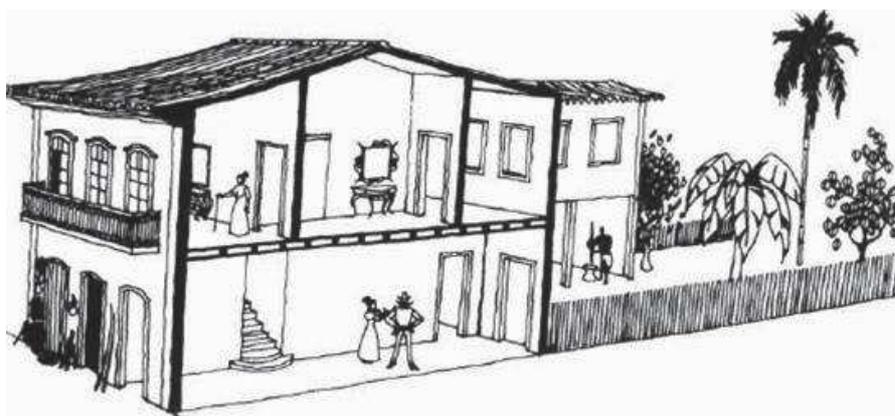
<sup>12</sup> DEBARBA, André Luís. Obtido em: <http://arquitracobrasil.wordpress.com/periodo-colonial-1530-a-1830>. Acesso em 21 de setembro de 2018.

**Figura 6-** Planta baixa de um sobrado 1-Loja | 2-Corredor | 3-Salão | 4-Alcovas | 5-Sala de viver | 6-Cozinha



**Fonte:** Quadro da Arquitetura no Brasil (1970).

**Figura 07:** Perspectiva sobrado colonial.



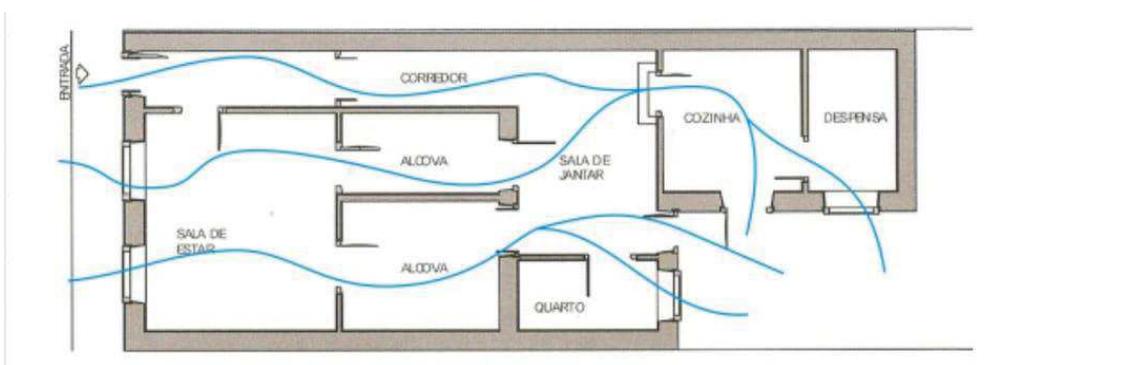
**Fonte:** Quadro da Arquitetura no Brasil, (1970).

Nesse período eram perceptíveis as diferenças sociais das famílias, marcada fortemente na arquitetura através da eira e da beira, detalhes presentes nos beirais das residências que mostrava de forma clara o poderio das famílias que ali habitavam. Um

das características básicas das fachadas coloniais eram compostas basicamente por uma porta (sempre na frente) e duas janelas (Figuras 8 e 9)

As casas e sobrados, com exceção dos casarões dos senhores, eram construídos lado a lado, por isso a ventilação ocorria somente em um sentido. Já no final do período começaram a serem utilizados revestimentos cerâmicos nas fachadas: a grande maioria dos azulejos era em tons de azul e amarelo devido aos pigmentos existentes na época<sup>13</sup>

**Figura 8-** Planta baixa Casa Térrea. Tipo colonial de três braços de largura com duas janelas e porta. Paredes externas de pedra ajuntada, paredes internas de pau-a-pique. Construção situada na rua Oswaldo Aranha, Laguna, Por volta de 1780.



Fonte: Broos (2002).

**Figura 9-** Casa Térrea em Paraty.



Fonte: Manual do Turista (2018).

<sup>13</sup> DEBARBA, André Luís. Período Colonial. Em: <http://arquitracobrasil.wordpress.com/periodo-colonial-1530-a-1830>. Acesso 21 de setembro de 2018.

O morar no século XIX variou nos espaços que já eram habitados e nos que surgiram pela expansão da ocupação territorial, por condições econômicas, condições materiais, condições tecnológicas e tradições culturais. De forma característica na nossa sociedade, as maneiras de construir e de morar eram (ou são) entendidas como individuais, mas na prática social são coletivas, condicionadas pelas vontades e/ou necessidades dos que nelas viveram ou sobreviveram. O Estado é ausente: não houve orientações ou normas de construção que na prática cotidiana fossem seguidas por todos os habitantes interessados em obter uma morada.

O morar é essencial para a sobrevivência dos seres humanos e cada grupo social criou e desenvolveu o que considerou necessário, ou melhor, o que lhe foi possível e acessível para garantir a sua elementar sobrevivência. Como diz a autora Solange Aragão<sup>14</sup>, a casa brasileira, que foi se transformando no decorrer do século XIX, até adquirir características que hoje reconhecemos como as nossas.

Foi o sobrado, o mucambo, a casa térrea, a casa assobradada, a casa de esquina, a casa com negócio, a casa nobre, a casa de sítio, a casa de chácara, a casa da roça, a casa de campo; a casa de pedra, a casa de taipa, a casa de tijolo, a casa de pau-a-pique e sapê...”<sup>15</sup>

O século XX irá ser palco e algumas mudanças no que diz respeito à forma do habitar do brasileiro. Logo em suas primeiras décadas, com a evolução dos cortiços, começam a surgir vilas, grandes corredores de casas semelhantes, térreas ou assombradas em torno de toda área comum, a vila irá abrigar a classe média. Já nos anos vinte um novo estilo surge no Brasil, irá causar de imediato uma rejeição que serão os apartamentos e edificações com vários pavimentos. A proposta causa admiração, porém, grande resistência em ocupá-los. Bem mais adiante, ao longo dos anos quarenta que o edifício torna-se popular e começa a brigar toda a classe média.

Durante esses quinhentos anos da casa do Brasil, percebemos muitas modificações, ora sutis ou mais profundas, no entanto, notamos que elementos transformadores de uma cultura em pleno processo de afirmações, não no sentido ufanista, mas ao que podemos definir como mudança social. Se observarmos bem o prazo chega a ser tão curto, que é possível hoje encontramos a casa colonial na casa de cabloco, a senzala nas precárias instalações dos cortadores de cana ou colhedores de laranja, a casa-grande nas grandes residências de veraneio com a casa de empregados ao fundo.

---

<sup>14</sup> ARAGÃO, Solange 2017, p. 15

<sup>15</sup> Idem, *ibid.* p.16.

## Capítulo 2: 1850- 1950, Cem anos de arquitetura brasileira.

*“À maneira de contas num colar, na cidade brasileira tradicional, as casas térreas e os sobrados se amoldam à topografia.”*

Murillo Marx, Cidade brasileira, p. 98.

### *2.1 Os primórdios da arquitetura brasileira.*

As cidades brasileiras logo no início do século XIX eram cidades tradicionais, com construções erguidas lado a lado no alinhamento de ruas tortuosas, acompanhando o sobe-e-desce dos terrenos e da topografia do lugar. Era a cidade com ruas de terra ou de pedra, com pouca ou nenhuma iluminação pública, sem transporte coletivo, sem água encanada ou sistema de esgoto. A cidade das janelas de rótula e dos beirais que protegiam as paredes contra as águas da chuva, a cidade das procissões, a cidade onde os jardins públicos constituíam exceções, onde a vegetação ficava atrás dos muros e das casas, cidade das casas térreas de porta e janela e dos sobrados de dois, três, quatro, cinco pavimentos.

A cada época a arquitetura vem sendo produzida e utilizada de modo cada vez mais diverso, sempre se adequando e se relacionando com as características e novas estruturas urbanas que vem a se instalar ao longo do tempo. Nos grandes centros urbanos brasileiros, são notórias as grandes estruturas do século passado, mesmo de forma precária podemos perceber edifícios e residências.

Um traço característico da arquitetura urbana é a relação que o prende ao tipo de lote no qual está implantada. Algumas casas do período colonial na qual suas raízes remetem ao modelo das cidades medievo-renascentista da Europa, ou casas com porão habitável com jardins do lado que são características do século XIX, enfim, são tantos os conjuntos que não é possível descrever completamente sem fazermos antes uma pequena análise e referência sob sua implantação. As mudanças ocorridas em ambos os setores da história fazem parte de um conjunto de inter-relações, onde o conhecimento é sempre de maior importância, tanto para o estudo da arquitetura, como para o estudo dos aspectos urbanos como ressaltava N. G. Reis.

Com a decadência do trabalho escravo e a imigração europeia, desenvolveram-se o trabalho remunerado e aperfeiçoaram-se as técnicas construtivas. As cidades e as residências são dotadas de serviços de água e esgoto, valendo-se de equipamentos importados. Surgem nessa época as casas urbanas com novos esquemas de implantação afastadas dos vizinhos e com jardins laterais.<sup>16</sup>

As grandes transformações sócio-econômicas e tecnológicas pelas quais iria passar a sociedade brasileira durante a segunda metade do XIX, iriam sob consequência provocar grandes desprestígios no que se refere aos velhos hábitos de construir e habitar. Com o equilíbrio e o funcionamento da economia através de alterações das taxas de câmbio e do controle das operações cambiais através das exportações crescentes do café, que possibilitaria a generalização do uso de equipamentos importados, que libertaria os construtores primitivos de técnicas tradicionais. Isso implicaria na modernização dos transportes com o surgimento de linhas férreas que ligava do interior ao litoral e de linhas de navegação nos grandes rios. Equipamentos pesados, máquinas a vapor, serrarias etc.

Na arquitetura, rótulas e gelosias foram substituídas por vidraças importadas da Inglaterra; os “tigres” (ou barris), outrora carregados por escravos que despejavam seu conteúdo nas ruas e nos mares, foram substituídos por sistemas de esgoto; da mesma forma a água, anteriormente trazida da fonte pelos escravos, começou a chegar às residências por tubulações importadas da Europa. As construções se afastaram dos limites do lote, dando lugar, inicialmente, ao jardim lateral e, em seguida, ao jardim frontal.<sup>17</sup>

As primeiras residências urbanas vieram aparecer sob a inspiração do ecletismo e com o apoio dos hábitos das massas imigradas, rompendo com as tradições e exigindo modificações nos lotes e construções. Nos centros urbanos mais desenvolvidos - principalmente o Rio de Janeiro, sob maior influência da vida da corte - existia um grande desprestígio no que se refere a hábitos tradicionais e uma supervalorização e de novos costumes. Isso se refere à existência de empregados domésticos de outra classe, geralmente europeus, com trabalhos mais remunerados e requintados, capazes de prestar serviços mais refinados. Em todas as regiões onde se fazia sentir o declínio da escravidão e a presença do progresso tecnológico, poderíamos encontrar mecanismos de adaptação às novas condições.

Quatro cidades (três litorâneas e uma próxima ao litoral) acompanharam as intensas transformações do período em graus e momentos diferenciados: Rio de Janeiro, Recife, Salvador e São Paulo. Em outras cidades brasileiras, mais afastadas do litoral e, portanto, em menor contato com a Europa, essas mudanças se processaram de forma mais lenta e menos intensa, tanto em

---

<sup>16</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. 1970, p.43

<sup>17</sup> ARAGÃO, Solange. 2017. p.37

relação às ruas, como em relação à arquitetura e à paisagem urbana. Essas quatro cidades são, portanto, exemplos da transformação acelerada do espaço urbano, podendo ser contrapostas a exemplares de permanências.<sup>18</sup>

Incluindo também a cidade de Campina Grande, onde ocorreu esse rápido processo de aceleração urbana.

As residências maiores eram enriquecidas com um jardim do lado. Foi uma novidade que veio introduzir ainda mais como elementos paisagísticos na arquitetura residencial, que sugeria aos moradores casas mais arejadas e boa iluminação que até então eram elementos desconhecidos para construção civil no Brasil (Figura10). A arquitetura também começou a utilizar modelos de casas com o porão alto, com recuo lateral e jardim ao lado da residência. Logo em seguida, a construção se despreendeu do alinhamento, dando lugar ao jardim frontal. Fazendo com que se conservasse uma altura discreta da rua, protegendo a intimidade dos moradores e aproveitando simultaneamente os porões para o alojamento de empregados e locais de serviços.

O contato que se havia da arquitetura com os jardins laterais, dificultado pela altura dos prédios, era resolvido pela presença de varandas apoiadas em colunas de ferro, com grades, às quais se chegava por meio de caprichosas escadas com degraus de mármore. São ainda comuns em bairros junto ao centro de São Paulo, exemplos desse tipo.<sup>19</sup>

**Figura 10:** Casa com porão alto e jardim lateral na cidade de Areia- PB



**Fonte:** Fcja (2018)

<sup>18</sup> ARAGÃO, Solange de. 2017, p.39

<sup>19</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. 1970, p. 45

Ao longo das primeiras décadas do século XIX, as construções de uso residencial da cidade do Rio de Janeiro correspondiam a sobrados de dois pavimentos (alguns chegavam a três andares), feitos de granito ou tijolo, com paredes revestidas de cal de marisco. Após a chegada da Corte, os sobrados passaram a apresentar detalhes neoclássicos em suas fachadas e maior variedade programática. Daí alterou-se os sobrados, transformando a paisagem. Não apenas com as modificações da casa, mas também com a construção de edifícios públicos, escolas, bancos, teatros, com o aterro de áreas alagadiças, com o calçamento de ruas e outras melhorias urbanas.

No ano de 1821, a população da cidade do Rio de Janeiro era composta por 112.695 habitantes, denotando um crescimento de mais de 100% em relação à população do ano de 1729. Parte desse crescimento teve influência sob a transferência da Corte, que “tomou as proporções de verdadeira invasão, superlotando o Rio de Janeiro”<sup>20</sup>. Considerando-se que a cidade não apresentava opções de habitação para os recém-chegados, o problema foi resolvido por meio do decreto da Aposentadoria Real, que,

Intimava o proprietário ou morador a desocupar o imóvel para o estabelecimento de funcionários e fidalgos portugueses, mediante uma solicitação feita ao juiz aposentador, o qual mandava o meirinho escrever as iniciais “P. R.” (Príncipe Regente) junto à porta do edifício requisitado<sup>21</sup>.

É provável que a maioria das edificações solicitadas correspondesse a sobrados que era o tipo de habitação urbana mais requintada da época. O fato comprova, por outro lado, a inexistência de casas (ou sobrados) excedentes, uma vez que foi necessário que os moradores deixassem suas residências para dar abrigo aos europeus.

O século XIX foi muito comum também às chácaras nos bairros nobres do Rio de Janeiro ou nos arredores da cidade. Já na segunda metade do século XIX houve aumentos consideráveis, tanto no número de chácaras, como no número de solares nos bairros mais ricos da cidade. Que eram habitados então por portugueses e brasileiros abastados, por latifundiários e donos de fazendas, por senhores de engenho e criadores de gado que almejavam uma casa junto à Corte.

Os compartimentos das residências conservavam-se em grande parte. A parte frontal era reservada para a sala de visitas, os quartos eram em torno do corredor ou da sala de almoço, na área central era a cozinha e um banheiro ao fundo. Já nas residências

---

<sup>20</sup> COARACY, Vivaldo. 1965, p. 83

<sup>21</sup> Idem, *ibid.*, p. 84.

menores eram desprovidas de jardins laterais, o que não resolveria problemas como iluminação e arejamento. Apresentavam apenas pequenas entradas descobertas, com portões e escadas de ferro. Continha calhas, condutores e manilhas, tudo para o controle de águas pluviais.

As chácaras nas regiões periféricas sofriam com alterações ao longo do tempo. Os terrenos eram mais reduzidos e a arquitetura cada vez mais assumia características urbanas (Figura 11).

As primeiras manifestações da mecanização na produção de materiais de construções e a presença dos imigrantes como trabalhadores assalariados respondiam pelas alterações de técnicas construtivas nessa época. Surgiam então as casas construídas com tijolos e cobertas com telhas de tipo Marselha, onde a madeira serrada permitia um acabamento mais perfeito de janelas, portas e beirais. Estes últimos ostentariam ornamentos de madeira serrada, conhecidos como lambrequins.<sup>22</sup>

**Figura 11-** Esquema de residência com jardim lateral na cidade de Campina Grande-PB



**Fonte:** Retalhos de Campina (2018).

---

<sup>22</sup> COSTA, L. 1962, p.46

No que diz respeito aos lotes, tornaram-se bem comuns àqueles que tinham frente de maiores dimensões e menor extensão o que contrapõe aos antigos (estreitos e compridos). A forma de ocupação também foi alterada. As casas deixaram de ser erguidas no alinhamento e sem recuos laterais, e foram isolando-se aos lotes, o que favoreceu bastante a criação de jardins (laterais e frontais) e possibilitou melhorias na iluminação e ventilação dos cômodos internos. Além disso, grades e muros passaram a ser empregados em maior número para marcar o limite dos lotes em relação ao espaço público (limite este antes determinado pela própria fachada do edifício) e os antigos muros de taipa ou de pedra deram lugar aos muros de tijolo.

As ruas antigas foram alinhadas e retificadas, calçadas e iluminadas, arborizadas ao longo de passeios criados ou pavimentados. Para as novas ruas adotou-se uma outra largura padrão, em virtude das modificações dos meios de transporte e do considerável aumento de sua quantidade no espaço urbano – algumas vias foram dimensionadas levando-se em conta a arborização, sendo ainda mais largas em comparação às antigas.<sup>23</sup>

Somente após a abolição do tráfico de escravos e com o início da imigração europeia, juntamente com o desenvolvimento do trabalho remunerado e o sistema ferroviário, que vem aparecer às primeiras residências urbanas com novas implantações. Essa nova tendência obteria uma completa generalidade nas casas que foram construídas após a libertação dos escravos e a proclamação da República. A mudança não ocorreu de forma rápida, mas sim, em processo lento.

Na passagem da cidade colonial para a cidade imperial ou para a republicana, perderam a função o pelourinho e o chafariz:

Surgiram os postes de iluminação e outros tipos de mobiliário urbano. As praças deixaram de ser os espaços vazios (ou adros) situados em frente às igrejas, delimitados pela fachada das construções, sem ajardinamento ou arborização, com a função de local de encontro e reunião, passando a ser o espaço delimitado por ruas, ajardinado e arborizado, com funções de estar, passagem e contemplação<sup>24</sup>

Os palácios e palacetes também vieram se difundir na paisagem urbana da segunda metade do século XIX, já possuíam tubulação de água e esgoto (importada da Europa), apresentando em seu programa de necessidades banheiros e cozinhas com água encanada.

---

<sup>23</sup> ARAGÃO, Solange de. 2017, p.54

<sup>24</sup> ARAGÃO, Solange. 2014 p. 55

Palácios e palacetes mandados construir pelos grandes da terra, frequentemente fazendeiros de café a que o braço escravo trazia o dinheiro fácil e farto – nas suas plantas, confiadas a arquitetos de escola, predominava a linha clássica e repetiam-se modelos já experimentados na França e na Itália.<sup>25</sup>

Foi a primeira vez que no Brasil, um número significativo de residências urbanas passou a ser projetado por “arquitetos de escola”. Até então a maior parte das casas era erguida por pedreiros, canteiros, carpinteiros, marceneiros e outros profissionais da construção civil. (eram imprescindíveis, nessa produção, o pedreiro e o carpinteiro). O Mestre de obras primeiro ficava responsável pela fundação e pelas paredes do edifício; o segundo, pela cobertura, assoalho, forro e demais partes da construção em que era empregada a madeira.

Por volta dos últimos anos do século XIX e no início do XX, antes de 1914, podia-se considerar como completa a primeira etapa da libertação da arquitetura em relação aos limites dos lotes. Fundiam-se, desse modo, duas tradições: a das chácaras e a dos sobrados (Figura 12).

**Figura 12-** Chalé isolado no centro do terreno. As águas correm para as laterais



**Fonte:** Acervo Prof. Ana Laura Villela, 2018

---

<sup>25</sup> CRULS, Gastão. 1952, p. 383.

Vencia-se portanto uma etapa tecnológica. As formas arquitetônicas, porém, não respondiam sempre com a mesma rapidez de mudança. Conservava-se por sua vez um tipo de arquitetura pesada, calçada ainda no emprego da antiga taipa de pilão, do adobe e da telha canal, assim como tipos de esquadrias que vinham do tempo do “palmo em quadro”, com vidraças externas e bandeiras fixas. As paredes, mesmo sendo de tijolos, tinham uma largura exagerada.<sup>26</sup>

Essas transformações arquitetônicas corresponderam a várias modificações significativas aos que se refere o meio urbano, as cidades passaram a se equipar tecnologicamente, passaram a ter redes de esgotos, abastecimentos de água encanada, iluminações e transportes coletivos urbanos. As cidades cresciam com o surgimento de novos bairros, com os mesmos processos viários e de subdivisão. As obras públicas passaram a multiplicar-se.

Nas cidades, surgiram os primeiros sistemas de iluminação pública e os meios de transporte conduzidos por animais de carga em substituição aos escravos. A rua ganhou status; deixou de ser um corredor escuro, “para ir se iluminando a lampião de azeite de peixe”<sup>27</sup>.

A cidade iniciou o século XX com sobrados e casas térreas erguidos de maneira tradicional, em ruas pouco iluminadas, sem arborização urbana e sem calçamento, e finalizou o período com solares e palacetes ajardinados, implantados em ruas arborizadas, iluminadas e calçadas, com rede de esgoto e sistema de água encanada. O Rio de Janeiro se transformou também na cidade dos cortiços e estalagens, as habitações dos homens livres sem recursos, alguns deles, antigos escravos.

O Recife, já à época do domínio holandês, apresentou um desenvolvimento urbano bastante expressivo em comparação às outras cidades brasileiras do período colonial. Nele, foram construídos sobrados de quatro andares, palácios, pontes, canais, igrejas, sinagoga, lojas, armazéns e oficinas, alguns dos quais permaneceram na paisagem recifense dos oitocentos.<sup>28</sup>

Por tudo isso, podemos afirmar que as grandes transformações vividas pela arquitetura e pelo urbanístico durante o século XIX no Brasil, foram resolvidas em termos de relação à arquitetura urbana, sem que se modificasse fundamentalmente, mas mudando apenas suas dimensões e mesmo assim de modo bem discreto. Somente as

---

<sup>26</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. 1970, p. 52

<sup>27</sup> FREYRE, Gilberto. 2006 [1933], p. 32

<sup>28</sup> CAVALCANTI, Nireu. 2004, p. 315.

grandes mudanças ocorridas no século XX que iriam comprometer seriamente as bases da organização urbana e permitir o encaminhamento de soluções de maior profundidade nas estruturas urbanas.

Com a implantação da arquitetura no século XX,

A sociedade brasileira revelava ainda os compromissos de um passado recente com o regime de trabalho escravo. Por isso mesmo, os edifícios ligavam-se estreitamente aos esquemas rígidos dos tempos coloniais. Os edifícios comerciais, as casas com jardins e as vilas operárias constituíam inovações, mas continuavam a utilizar formas de relacionamento características de épocas anteriores<sup>29</sup>.

Cidades como Recife era bastante caracterizada por rios e, o Rio de Janeiro era marcado por seus morros e colinas, já Salvador era marcada por grandes falhas, nas quais dividia a cidade em duas: Cidade Alta e Cidade Baixa:

A cidade baixa da Bahia, como a do Porto, é estreita, pois há pouco espaço entre a colina e a água. Por isso as casas são mais elevadas que na cidade alta e, mesmo no século XVIII, elas se estendiam em fileira delgada e estreita (...). No meio da área central, atravancada de docas e mercados, localizam-se as grandes rampas de subida, de inclinação acentuada, cortando em diagonal a face da escarpa, exatamente como no Porto e Lisboa. No alto ficava as portas de S. Bento, a extremidade sul da cidade alta.<sup>30</sup>

“Esse tipo de característica topográfica que são aliadas aos tipos de solo, fez criar empecilhos para o estabelecimento das edificações e muitas vezes favoreceu o desbarrancamento”<sup>31</sup>. Suas terras eram boas para hortas e pomares, mas muito pouco recomendáveis para a construção de edifícios. Segundo Kátia Mattoso, a morfologia do solo, quase sempre inclinado e úmido, o clima e a falta de conservação conjugaram-se desde os primeiros tempos de urbanização para provocar deslizamentos de terra e desabamentos de casas.

Ao longo dos primeiros anos do século XX foi possível assistir algumas repetições ocorridas sob os esquemas entre a arquitetura e o lote urbano que entraram junto com a República, conservando-se ainda as mesmas técnicas de construções. Após a abolição da escravatura e logo depois a instalação da República, foi um tempo que não foi suficiente para que o país pudesse alcançar de imediatas condições de valorização ou

<sup>29</sup> REIS FILHO, Nestor Goulart. 1970, p.53

<sup>30</sup> ALVES, Marieta. 1974, p. 8.

<sup>31</sup> MATTOSO, Kátia. 1992, p.46

melhorarias em sua mão de obra. Para que essa evolução viesse a acontecer, seria necessário aguardar os impactos da primeira guerra mundial.

Com o progressivo aumento da população nos maiores centros e com o aprimoramento e aperfeiçoamento nos serviços públicos, tanto na parte de pavimentação, como nos meios de comunicação e transportes, forçavam nesse momento uma velha tradição colonial dos sobrados e das chácaras. Nos bairros residências via-se a combinação entre duas características que marcava fortemente, uma seria a rigidez na estrutura, e o outro o caráter rural. Naquela época, vários bairros do Rio de Janeiro, como também São Paulo, alguns arquitetos que buscavam ousar, orientavam que as construções das casas fossem mais atualizadas, com jardins amplos, porões altos, casas que pudessem ser a um só tempo vistas como chácaras e sobrados. Nascia nesse período à ideia de mesclas dos estilos capaz e reunir em apenas uma construção vantagens atribuídas a cada modelo em uma residência urbana.

Essa é a época de uma das primeiras experiências arquitetônicas mais atualizadas, que se inicia com a introdução do “Art-Nouveau” e juntando-se com o Neocolonial, iria conduzir movimentos modernistas. A arquitetura brasileira, especialmente na região centro-sul do país, começa a ter leves mudanças, renovações causadas basicamente após a libertação dos escravos, então ela passa exigir algumas necessidades a partir dos projetos de implantação.<sup>32</sup>

Algumas residências, as maiores, por exemplo, passam a aperfeiçoar características que marcaria quase toda a arquitetura residencial no período das duas grandes guerras, como por exemplo, a preocupação de isolar suas casas em meio a um jardim, a tendência seria conservar um paralelismo rígido em relação aos limites dos lotes. Alguns conjuntos habitacionais populares apresentavam também formas bem especiais em relação a implantação. Eram formados sob fileiras de casas bem pequenas, muitas delas abrigava apenas quartos. Nesses casos era bem comum existir apenas um só conjunto de instalações sanitárias e tanques para o uso comum dos moradores. Essas vilas ou cortiços apresentavam fachadas construídas para a rua pública, mas eram afastadas da rua e dos vizinhos.

Após a Primeira Guerra Mundial, iniciava um processo de grandes transformações. Nos primeiros anos do século, com a crescente separação entre os locais da residência e

---

<sup>32</sup> REIS FILHO, Nestor. 1970, p. 64

do trabalho e com o aumento ainda maior da população nas grandes cidades, os velhos sobrados comerciais, as residências e as lojas começam a serem substituídas por prédios já com andares, a princípio destinados apenas para o comércio.

No conjunto, a arquitetura do início do século traria pouquíssimas transformações de importância, inclusive no que se refere à implantação. Suas virtudes residiam mais no aperfeiçoamento dos detalhes construtivos, os seus programas e soluções plásticas repetiram quase sempre os esquemas dos primeiros anos da República.

Com o início do desenvolvimento industrial, ocorreram as primeiras transformações tecnológicas de importância no País. Entretanto, persistiam os lotes urbanos herdados do século XIX, nos quais se construíam imensos edifícios de concreto. O atendimento às exigências do mundo contemporâneo era tentado apenas com adaptações da arquitetura, sem considerações pelo aspecto urbanístico.

A arquitetura e urbanística brasileira sofreram grandes transformações por muitos anos, durante principalmente os anos do período entre guerras (Primeira e Segunda Guerra Mundial), correspondendo então ao início do desenvolvimento industrial e da diversificação da produção rural do país, o que data então as primeiras grandes modificações tecnológicas de importância no Brasil. Com a mecanização, iniciava-se o crescente número e transportes que conseqüentemente iria aos poucos estender-se a uma série de setores de atividades. No meio arquitetônico essas transformações e essa mecanização dos transportes verticais e horizontais, garantiram bases para um longo desenvolvimento.

É a época do surgimento de arranha-céus, da verticalização do crescimento urbano nas áreas centrais das grandes cidades e também da multiplicação das periferias, a ampliação de grandes bairros das massas proletarizadas. Enfim, surgiram ainda os chamados “bairros-jardim”, que foi designado para as classes mais abastadas, com grandes edifícios. As técnicas de construções passaram por uma grande fase de aprimoramento, isso por que grande parte tinha influências de mão-de-obra imigratória.

Até cerca de 1940, a industrialização dos materiais de construção seriam menos arrojadas, seriam em escalas modestas, quase artesanais. A indústria ainda não tinha

atingido grandes proporções ao mercado nacional. Eram importados ainda muitos equipamentos e materiais, em contrapartida, em centros mais modernos, o progresso estava longe de acompanhar o das grandes metrópoles.

Nossos principais centros urbanos conservaram-se nos mesmos esquemas urbanísticos geral, de origem renascentista, sem procurar uma atualização qualitativa. Nas mesmas ruas que haviam circulado carroças e carruagens, passam a circular agora automóveis, caminhões e ônibus, recebia uma população cada dia maior. O crescimento gigantesco do operariado urbano, possibilitado pela constante evolução da estrutura industrial, iria conduzir ao aparecimento de bairros populares ao longo das vias férreas, junto às indústrias ou em regiões suburbanas. Em alguns locais as dificuldades sociais e econômicas ira provocar o aparecimento de tipos precários de habitação.

A década de 1930 a 1940 foi palco de uma multiplicação de uma grande inovação no setor residencial, os prédios de apartamento. Essa verticalização seria aceita inicialmente com relutância, pois ameaçava costumes que remontavam aos tempos coloniais.

As ideias arquitetônicas e urbanísticas do século XIX, a respeito das grandes mudanças e das condições, buscava-se sempre aplicar modelos de Paris, como por exemplo, os seus quarteirões compactos, superedificados e superpovoados. Até mesmo nos aspectos externos buscavam-se semelhanças com modelos de desenhos no revestimento imitando pedras.

Entre anos 1940 e 1950, foi um período de intensa industrialização e urbanização para o Brasil. Os movimentos de arquitetura moderna procuravam aproveitar os recursos oferecidos pelo sistema industrial nascente. O relacionamento que se teve com a arquitetura e as estruturas urbanas são reexaminados, surgindo alguns edifícios e conjuntos residenciais com soluções de implantação eficientes.

O período que inicia por volta de 1940, com a Segunda Guerra Mundial, e que nos traz até 1960, com o plano de Brasília, irá compreender uma fase bastante intensa na industrialização e urbanização da história do país. Ocorre nesse período um vertiginoso avanço técnico e econômico, acompanhado de profundas transformações sociais. As

limitações de importações e necessidades internas do país no período em que ocorreu a Segunda Guerra Mundial se persistiram até hoje. Foi construído estímulos suficientes para que nossa indústria fosse substituída completamente nos materiais importados para os produtos nacionais, que a cada dia estavam cada vez encontrando a perfeição. E essas mudanças refletiram, sobretudo na arquitetura. Janelas, portas, luminárias, ferragens, louças sanitárias ou elementos de decoração como cortinas e móveis, tapetes e objetos de adorno, tudo passa a ser produzidos no país.

Mudanças foram feitas também nos sistemas de cobertura, que passaram a serem resolvidas com telhas de novos materiais com pequenas inclinações, apoiadas sobre as lajes de concreto. Refletindo essas alterações sociais da época e a crescente democratização da vida, toda a organização espacial modificava-se no sentido de valorizar a vida familiar como uma unidade. Os objetivos de valorização da fundamental vida familiar correspondiam às tentativas de organização espacial das residências com interpretação de espaços. Favorecendo, portanto, melhorias da qualidade de vida de seus ocupantes.

### Capítulo 3: Políticas Públicas e Patrimônio Histórico.

#### 3.1 A importância sob preservar o Patrimônio Histórico.

De forma explícita ou de forma silenciada, o objeto de investigação utilizada pelo historiador é o passado, desde que história tornou-se ciência no século XIX, os vestígios do que já passou constituem sua matéria-prima: eis o íntimo parentesco entre a construção do conhecimento histórico e o preservacionismo.

A ideia moderna que se tem sobre patrimônio histórico esta ligada ao movimento de preservação de bens materiais e imateriais que emergem do social. É uma forma de relações com o passado, um sentimento que deseja eternizar traços e marcas dos grupos humanos. Essa ideia parte da dimensão afetiva do impulso dirigido à preservação, porém historicizando, colocando sensibilidade no tempo, com vistas a significá-la historicamente à medida que é transformada em patrimônio. A grande diferenciação entre passado e presente caracteriza-se as sociedades nas quais a memória é vivenciada, o que irá implicar a ausência de distinção entre o antes e o depois. Já diria Le Goff, 1984 “O desejo de registro indica consciência histórica, operação intelectual que pressupõe outra concepção de tempo, vale dizer, aquela na qual se concebe a ruptura entre o que já passou e o que está sendo vivido”<sup>33</sup>.

Ao reconhecermos o passado, como libertados de um aprisionamento, fazendo com que tenhamos possibilidades para experimentar mudanças postas pelo tempo. De forma simultânea é apontada o esquecimento, o que faz levar grupos a preservarem suas lembranças. É nesse sentido que a historiografia e a memória dos grupos e povos que não são mais vivenciadas, mas preservada, ao mesmo tempo em que busca a identidade.

Françoise Choay conceituou de forma precisa a expressão “patrimônio histórico”:

A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos produtos de todos os saberes e savoir-faire dos seres humanos. (...) Ela [a expressão] remete a uma instituição e a uma mentalidade<sup>34</sup>.

---

<sup>33</sup> LE GOFF, Jacques, 2003.

<sup>34</sup> CHOAY, Françoise, 2006, p.135

As edificações são bens que ocupam um lugar privilegiado na ideia de patrimônio. As edificações avaliadas como monumentos históricos atestam o estatuto ontológico do passado, é importante esclarecer que a sua condição de bem material privilegiado não lhes confere exclusivamente numa evocação do passado coletivo que constrói identidade. “Toda paisagem no interior da qual se desenvolvem relações humanas cumpre essa função. Sua destruição sempre acarreta dolorosas perdas de referenciais”<sup>35</sup>. A imobilidade do espaço e dos objetos no espaço são fatores de estabilidade. As marcas que são encontradas de materiais tem um tempo existencial bem maior que as vidas humanas. E é nesse sentido que elas acabam se referenciando aos homens, no que pode ser as lembranças do espaço que se localiza no tempo. Essa mentalidade preservacionista corresponde aos sentimentos de perda que são provocadas pelas constantes modificações nos traços concretos que conduzem os homens.

As instituições destinadas a guardar o passado, real ou imaginado, respondem a esses sentimentos. Na contemporaneidade, o fim do século XVIII e, sobretudo, o século XIX assistem ao surgimento dessas instituições. Não por acaso, trata-se de momento histórico de transformações profundas trazidas pela industrialização e pela construção/consolidação dos Estados-nacionais, momentos nos quais ocorrem perdas coletivas materiais e espirituais, ingredientes certos para o desenvolvimento do desejo de memória e de busca identitária.<sup>36</sup>

A industrialização é vista como dos fenômenos mais traumáticos em termos de descontinuidade de modos de vida, formas de trabalho, valores, paisagens, temporalidades. Essa obsessão atual pela modificação da memória sugere-se uma perda de referenciais. “Mutilação sem retorno que representou o fim dos camponeses, essa coletividade memória por excelência cuja voga como objeto da história coincidiu com o apogeu do crescimento industrial”<sup>37</sup>

Françoise Choay aponta sobre esse efeito de “disrupção” no tempo e sobre a perda do passado que a industrialização vem provocando, levando ao impulso de proteção aos monumentos. Sendo assim, de forma simultânea à ameaça de perda do passado, vem dá-se a colocação do monumento nesse passado perdido. Daí surge a necessidade de protegê-lo, o que ocorre como ideia de preservação.

Sem dúvida, a entrada na era industrial, a brutalidade com que ela vem dividir a história das sociedades e de seu meio ambiente, o “nunca mais como antes” que daí resulta está entre as causas do romantismo, ao menos na Grã-

<sup>35</sup>D’ALESSIO, Márcia M. 2012, p.80

<sup>36</sup>D’ALESSIO, Márcia M. 2012, p.80

<sup>37</sup>NORA, Pierre. 1993, p. 7-28.

Bretanha e em França. Contudo, o choque dessa ruptura extravasa amplamente o movimento romântico. (...) a consciência do advento de uma nova era e de suas consequências criou, em relação ao movimento histórico, outra mediação e outra distância, ao mesmo tempo em que liberava energias adormecidas em favor de sua proteção.<sup>38</sup>

E ainda complementa,

“A consagração do monumento histórico aparece, pois, diretamente ligada, tanto na GrãBretanha quanto na França, ao advento da era industrial”<sup>39</sup>. Importante ressaltar que a França viveu segundo André Chastel, um processo ambíguo pelo fato da noção que se tinha sobre patrimônio ter surgido em meio à revolução de 1789.

Ou seja, podemos dizer que o processo de construção da ideia de patrimônio vem através da luta de classes. Chastel mostra que durante a época da Revolução a palavra de ordem era a destruição de todos os bens e símbolos que caracterizavam o passado. “Tombez, c’est le décret”<sup>40</sup>. Essa destruição se dirige ao passado aristocrático, que é visto como indigno de figurar na arvore genealógica dos revolucionários que se consideravam os verdadeiros franceses.

A industrialização foi um momento de grandes rupturas que se fez levar o desejo de memória e como consequências a prática de preservação a partir do fim do século XVIII, assim como ela também esteve no centro de duas grandes guerras que ocorreu no século XX que foram devastadoras. As cidades destruídas significavam o desaparecimento físico de tudo o que estava a organizar aquele espaço. Na obra “O espaço proustiano”, de Georges Poulet ele afirma que:

(...) como não perder a fé na vida, quando se percebe que é ilusória a única fixidez dos lugares, dos objetos ali situados? A mobilidade rouba nosso último recurso. A que se agarrar, se os lugares, como os tempos e os seres, também são arrastados nessa corrida que só conduz até a morte? <sup>41</sup>

Chastel diz que “O abalo afetivo das guerras dá vida aos símbolos”.<sup>42</sup> Os bens que foram destruídos foram de forma lamentável sentido por pessoas, mas nesse mesmo contexto foram investidas novas práticas de direção à preservação.

A relação entre nação e preservação, é feita pelo uso do passado por Estados nacionais com vistas aos seus respectivos projetos políticos. Surge a partir daí a tônica

<sup>38</sup> CHOAY, Françoise, 2006, p.135

<sup>39</sup> Op. Cit.2006, p.137

<sup>40</sup> CHASTEL apud Nora, 1986 p.410

<sup>41</sup> POULET, Georges, 1992.

<sup>42</sup> CHASTEL apud Nora, 1986 p.434

bastante nacionalista das instituições patrimoniais do século XIX e início do século XX em vários países do ocidente.

Ao longo dos anos 70 o Brasil insistia em estudos sobre memória. Além do mais sobre o reconhecimento das ligações entre memórias e identidades, que se fizeram ganhar cada vez mais destaques em suas reflexões sobre memória e história. É importante ressaltar a preocupação que se tem sobre os estudos do patrimônio, o pouco espaço dado no Brasil aos historiadores para que se formulem políticas públicas de preservação do patrimônio histórico. Podemos considerar que o discurso dado aos historiográficos ficam subsumidos aos argumentos ditados pela lógica do mercado, uma questão de realidade que hoje influi nas questões preservacionistas.

Em cada geração, em cada período histórico (...) que grupos sociais e que critérios determinam o que deve ser preservado? Embora alguns insistam em tentar construir uma única memória, a multiplicação quase infinita de registros já não o permite.<sup>43</sup>

A multiplicidade de memórias que são produzidas tem gerado disputas, o que influencia na decisão do que deve ser preservado. A memória vem tornar-se um lugar de disputas políticas e de múltiplas ideias de preservação revelam a dimensão dos conflitos sociais.

É importante destacar essa responsabilidade do historiador por dever de ofício e por compromisso ético, observar as artimanhas dos poderes que lhes são estabelecidos no que refere-se ao uso do passado (da memória e da história) no que podemos classificar como bens coletivos e concepção de patrimônio histórico. “Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.<sup>44</sup>

---

<sup>43</sup> Louzada apud Cunha, 1992, p.15

<sup>44</sup> LE GOFF, 1984.

### ***3.2 O tombamento como instrumento de preservação.***

Pertinência do tombamento federal das chamadas “casas natais” ou podemos defini-las como “casas históricas”, como imóveis de remissão evocativa ou simbólica ao que se refere às memórias por meios de personalidades ou por meio de fatos da história nacional.

Estamos tendo hoje uma real necessidade de fazermos essas discussões por surgirem recentemente decisões que se têm tomado no âmbito institucional, de se tombarem casas históricas apenas quando elas passarem a ser acervos arquivísticos, documentais ou artísticos.

A casa histórica deve ser declarada e reconhecida sem interesses institucionais, quando ela não possuir esse material documental situado em suas devidas dependências. O que pretendemos é avaliar o quanto é válido adotarmos isso como política institucional.

A “casa histórica” não é apenas a “casa natal”, ao estudarmos as “casas natais” propriamente ditas, ou seja, onde nasceram os vultos da história nacional, mas também as casas onde viveram e morreram personagens importantíssimos que se relacionaram de alguma forma com tais vultos ou com os acontecimentos históricos.

Mário de Andrade imaginava criar um órgão – o Serviço do Patrimônio Artístico Nacional (SPAN) – destinado a tratar da proteção de todas as obras de “arte patrimoniais”, compostas por:

Todas as obras de arte pura ou de arte aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, a organismos sociais e a particulares nacionais, a particulares estrangeiros, residentes no Brasil”, entendendo que as chamadas “artes patrimoniais” poderiam ser classificadas como “arte arqueológica, arte ameríndia, arte popular, arte histórica, arte erudita nacional, arte erudita estrangeira, artes aplicadas nacionais e artes aplicadas estrangeiras.”<sup>45</sup>

---

<sup>45</sup> SPHAN/próMemória, 1980, pp.91-92.

Uma das propostas de Mario de Andrade seria a aceitação de ideias de tombamentos de bens históricos, tanto por princípios as “casas históricas”, pois elas habitavam os vultos históricos. Para Mário Andrade os bens que se enquadravam era “todas as manifestações de arte pura ou aplicada, tanto nacional como estrangeira, que de alguma forma refletem, contam, comemoram o Brasil e a sua evolução nacional”, o que faz compreender várias categorias de obras de caráter histórico.

Constitui o patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do País, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico<sup>46</sup>.

O Iphan protegeu casas natais pela sua remissão biográfica que por elas foram apresentadas. Embora com grande frequência esses imóveis apresentaram interesse artístico, mostrando inicialmente apenas as casas tombadas no Livro de Tombo Histórico e que não se encontram inscritas nos livros das Belas-Artes.

A listagem de casas é pequena, se formos considerar as mais de mil inscrições que o IPHAN tem desde o seu funcionamento. Na lista é possível encontrarmos imóveis tombados correspondentes a vários tipos de vultos da história nacional, a começar pelo herói nacional Tiradentes e mais Santo Dumont, Deodoro da Fonseca (em Marechal Deodoro e no Rio de Janeiro), General Osório e Ana Nery. Entre as casas históricas, também foram tombadas aquelas relacionadas aos líderes que mobilizaram pessoas em torno de ideais de interesse comum, de expressão nacional ou não, como Garibaldi, Peregrino de Carvalho, Davi Canabarro, Bento Gonçalves e Chico Mendes.

As casas de alguns personagens que detinham o título de nobreza costumava ser vistas como expressões típicas da celebração da elite social brasileira. Os tombamentos de casas históricas não indicava que isso se tinha constituído a uma prática comum. O tombamento de casas históricas também ocorreu sobre os vultos da ciência, como Oswaldo Cruz, Carlos Chagas, Santos Dumont e Benjamin Constant; no âmbito da política, como Joaquim Nabuco, João Alfredo, Café Filho, Rodrigues Alves, visconde de Itaboraí, além de outras pessoas. Porém, existiam também vários casarões de personagens da história que eram tombados especialmente pela sua importância artística e não somente pelo vulto histórico que a pessoa representava.

---

<sup>46</sup> BRASIL, 1937, em Abreu et al., 2000.

As coisas que requerem preservação por se acharem vinculadas a fatos memoráveis da história do Brasil, não constituem apenas nos monumentos ou obras ligadas diretamente a algum episódio histórico nacional. Entendem-se também de notável valor histórico para os fins estabelecidos no Decreto lei nº 25, todos os bens móveis ou imóveis que se possam considerar particularmente expressivos ou característicos dos aspectos e das etapas principais da formação social do Brasil e da evolução peculiar dos diversos elementos que constituíram a população brasileira<sup>47</sup>.

Andrade estava buscando ressaltar a relevância que se tinha no caráter processualístico da História, não só nos chamados “fatos memoráveis”, mas também buscava ampliar as funções no que se concernia a pluralidade que a história poderia levar ao patrimônio.

Algumas fontes nos ajuda a perceber de maneira peculiar como órgãos preservacionistas enxergavam a função da história como disciplina coadjuvante na valorização dos bens que eram de interesse cultura. Os estudos que são publicados remetendo a conservação do patrimônio cultural, especialmente nas publicações oficiais do IPHAN, remetem-se a aspectos arquitetônicos brasileiros, enquanto minimizavam trabalhos que destacavam vultos da nacionalidade brasileira. Os artigos priorizaram problemas artísticos e arquitetônicos, mais do que questões históricas.

Após a criação do IPHAN, a história vem contribuindo cada vez mais com um olhar voltado para o patrimônio. Em algumas circunstâncias, os personagens históricos e fatos notáveis, disputaram de alguma forma a construção de uma nova visão sobre patrimônio cultural.

A casa histórica desempenha um papel fundamental por sua importância simbólica e também por seu caráter evocativo. Principalmente por se relacionarem como formas concretas a modelos de pensamentos que de certa forma puderam interferir na evolução da sociedade brasileira. A preservação das casas históricas, apesar de ser uma celebração de vultos do passado, como também vem a ser um objeto de ajudar a documentar de forma mais enriquecida a nossa história, passa a ser uma obrigação do IPHAN a cuidar e sempre preservar.

---

<sup>47</sup> ANDRADE, Rodrigo. 1939, p. 87

### ***3.3 Campina Grande, uma cidade em desenvolvimento.***

A história de urbanização de Campina Grande se deu pelo forte vínculo através de suas atividades comerciais desde o seu início até atualmente. A cidade de Campina Grande foi o lugar de descanso dos tropeiros, em seguida transformou-se em uma grande feira geral, que é destaque para a Paraíba, bem como para o Nordeste. Em seguida a cidade dar-se um grande salto em seu desenvolvimento através do algodão popularmente conhecido como “Ouro Branco”, onde passou a ser a segunda maior exportadora de algodão no mundo.

A origem da cidade de Campina Grande deu-se a partir da ocupação dos índios Aríus e um dos fundadores do povoado chamava-se Teodósio de Oliveira Lêdo que ficou conhecido como capitão-mor do Sertão brasileiro. O capitão-mor foi o responsável por consolidar o povoado e seu desenvolvimento, integrando o sertão com o litoral e a cidade de Campina Grande passou a ser privilegiada por seu posicionamento geográfico, sendo passagem dos viajantes do oeste para o litoral. Teodósio incentivava fortemente o crescimento da população e o desenvolvimento do lugar.

O capitão-mor trouxe da capital um padre italiano para realizar batismos nos índios que povoava Campina Grande. Nessa época, para exercer as suas atividades, o padre construiu uma casa de taipa para que pudesse servir de igreja, realizando a partir daí missas e batismos. Tempos depois recursos vieram para melhorias dessa igreja, em 1753 passou por uma grande reforma e somente em 1793 conseguiu passar por outra reforma onde ainda hoje se preserva, tornando-se a Catedral de Nossa Senhora da Conceição. Após a construção da igreja, passou-se a ter uma grande valorização aos seus arredores, influenciando assim a construção de casas naquela região que hoje se constitui uma das grandes importantes avenidas da cidade, a Avenida Floriano Peixoto.

O desenvolvimento de Campina Grande foi muito lento e pouco mudou por todo o século XVIII. A aldeia de São João do Cariri, aldeia mais antiga que Campina Grande, progrediu de forma brusca e muito rapidamente tornou-se freguesia em 1750, passou a frende de Campina Grande, fazendo com que ela a dependesse dessa. Apenas no ano de 1769, 19 anos após, foi que Campina tornou-se Freguesia, libertando-se das dependências da Freguesia dos Milagres (Cariri), e após sua “dependência”, Campina Grande deu um salto enorme em seu desenvolvimento.

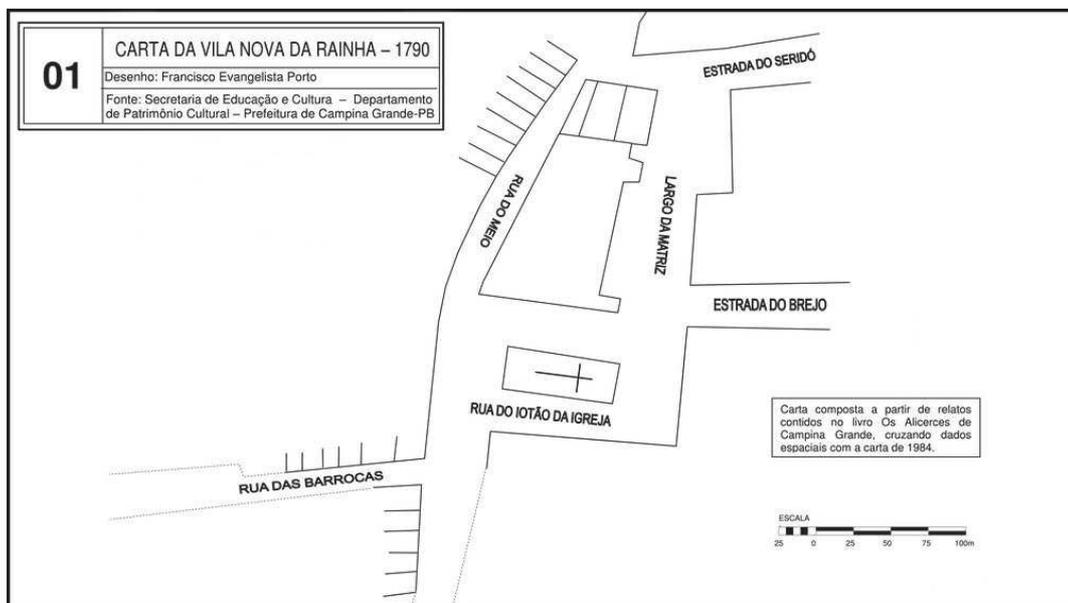
Em abril de 1790 Campina Grande é escolhida pelo ouvidor Brederodes para tornar-se vila, por suas terras serem de cultivo e serem produtoras de riquezas e principalmente por sua melhor localização. E daí no dia 6 de abril ela passa a ser chamada oficialmente de *Vila Nova da Rainha*. Uma homenagem à Rainha Dona Maria I.

A vila crescia lentamente, aos poucos ia tomando os seus moldes e desenvolvendo-se, passou a possuir câmara municipal, cartório e pelourinho. Após oito anos ter tornando-se a Vila Nova Da Rainha, possuía pouco mais de cem casas com um total de habitantes que não passava de 3 mil. Porém, em 1871 chega em Campina os primeiros imigrantes árabes, ingleses, italianos, americanos, turcos, alemães, franceses, indianos e principalmente os dinamarqueses.

Somente no dia 11 de outubro de 1864, a partir da lei provincial nº 137, Campina Grande se eleva a categoria de Cidade, daí nesse momento a Paraíba passa a ter 16 vilas e mais 6 cidades. A pesar de todo o seu desenvolvimento comercial, a cidade obtinha um aspecto urbanístico do mesmo jeito, não mudava basicamente, suas poucas residências e prédios comerciais permaneciam com suas fachadas ainda aos mesmos moldes, sem poder aquisitivo para uma renovação. Somente no final do século XIX Campina Grande alcança cerca de 500 casas construídas.<sup>48</sup>

A Figura 13 é um mapeamento que irá mostrar Campina Grande ainda quando era Vila Nova da Rainha no ano de 1790. O desenho foi produzido por Francisco Porto em seu projeto cartográfico da cidade.

**Figura 13-** Vila Nova da Rainha foi fundada em 1790, posteriormente se tornaria em Campina Grande



**Foto:** Francisco Porto/Divulgação/Montagem/G1 (2018)

<sup>48</sup> Retalhos de Campina, 2012.

Francisco Porto, 2007 fez em seu trabalho cartográfico no desenvolvimento do município, desde a sua formação como Vila Nova da Rainha, e revela que a cidade de Campina Grande assume esse patamar a partir da soma de dois fatores que foram essenciais, segundo o professor, o ponto geográfico estratégico para se montar a cidade e as políticas públicas instauradas.

O desenvolvimento urbano se deu no final do século XIX, nesse período algumas construções vieram a ser efetivado, como a construção do primeiro sobrado da cidade, um dos mais elegantes inclusive do estado, como também veio surgir às primeiras residências no bairro de São José e na Rua da Lapa (atualmente conhecida como Rua 15 de Novembro). Em julho de 1900 surge a primeira escola de Belas Artes, e em março de 1904 chega a Campina Grande os primeiros carros e ônibus.

A cidade só veio tomar proporções de cidade, dar um salto ainda maior quando em 1907 a linha férrea de Recife foi expandida, ligando a capital pernambucana à cidade de Campina Grande. Sendo que nenhuma cidade do estado da Paraíba havia se beneficiado tanto no comércio quando no escoamento da produção de algodão. Logo no início do século XX após a farinha e a pecuária, o algodão passou a ser à base da economia campinense. Foi a partir dessa data que foram identificados alguns períodos em que, pelo menos uma política pública foi considerada como responsável pela expansão urbana.

O período entre 1907 a 1930, o crescimento urbano da cidade deu-se da decorrência da decisão do Governo Federal incluir a cidade de Campina Grande na política de expansão dos transportes ferroviários. Com a expansão ferroviária do Recife a Campina Grande o estado vizinho que acabou se beneficiando da parte tributária com os produtos produzidos na Paraíba que passaram a ser exportados pelo porto de Recife.

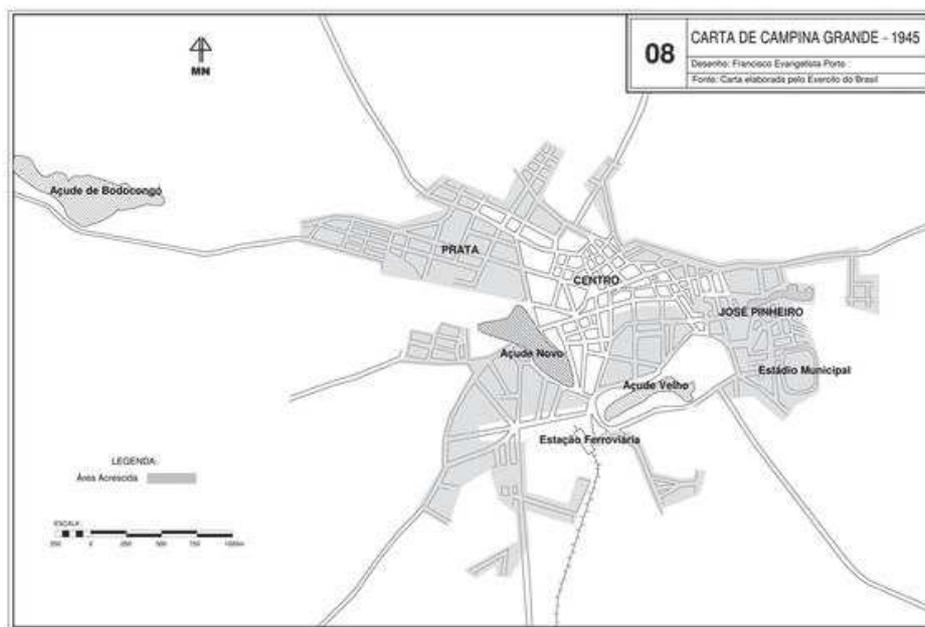
O desenvolvimento ocorrido no século XX traz a Campina Grande, grandes mudanças econômicas e também na vida social daquela época. O algodão chega a Campina Grande e foi através dele que atividades de crescimento começam a surgir na cidade, passando a atrair comerciantes de todas as regiões da Paraíba e do Nordeste. Em 1940, a cidade passa a ser a segunda maior exportadora algodoeira do mundo, ficando apenas atrás da Liverpool, na Inglaterra. Por isso Campina Grande levou o nome de Liverpool brasileira, sendo comparada a de primeiro lugar. Devido ao algodão, Campina

Grande dar um grande salto em termos populacionais, chegou a representar um crescimento de 650% em 32 anos.

Com a grande crise cafeeira em São Paulo, este passou a produzir algodão como alternativa. No ano de 1933, São Paulo já produzia 105 milhões de quilos. Vários fatores vieram à tona como responsáveis para o declínio de Campina Grande em questões ao algodão. Sendo eles, a inexistência de um porto na Paraíba, isso fazia com que Campina Grande fosse cada vez mais dependente da capital pernambucana; o preço cobrado em relação aos produtos de São Paulo; e por fim o ingresso de empresas estrangeiras no mercado do algodão.

De 1930 até 1945 a cidade passará por uma grande e questionável transformação em sua reforma urbanística, que resultou de uma política pública municipal urbana. Ocorreu um processo de aceleração de modificação do espaço urbano campinense. A vontade de dar novas feições a cidade com a ideia de progresso, foi o que teria feito o Vergniaud Wanderley ter dado início a chamada “*Revolução urbana de Campina*”, onde ele incentivava a derrubada de construções históricas em toda a região central da cidade. Trata-se de um projeto de Art Décor, (Figura 14).

**Figura 14-** A década de 1940 foi considerada a de maior impacto urbano no desenvolvimento da cidade.



**Foto:** Francisco Porto/Divulgação/Montagem/,(2018)

O crescimento econômico de uma cidade está ligado diretamente com as suas potencialidades. O que podemos referir como processo de fazer e refazer, que depende de agentes econômicos, principalmente aos meios de produção. As políticas econômicas são importantes para definir as áreas prioritárias para a execução de programas, projetos e ações, com isso, é importante ressaltar que as ações das políticas públicas podem retardar ou até mesmo acelerar o crescimento de uma cidade.

As funções do governo de garantir direitos e deveres; as políticas, que são conjunto de intenções que dirigem a ação em busca das funções; as agências, unidade governamentais responsáveis pela formulação e implementação das políticas; as leis, atos específicos aprovados pela legislação; regulamentos, regras ou ordens expedidas por agências administrativas, [...] Este é um conjunto de elementos governamentais dirigidas coletivamente para o bem da sociedade, são políticas públicas.<sup>49</sup>

Foram possíveis nesse capítulo termos identificados políticas públicas que foram capazes de dar destaques e desenvolvimento econômico, político e social para a cidade de Campina Grande, principalmente relacionadas ao crescimento urbano da cidade.

---

<sup>49</sup> PORTO, Francisco. 2007, p. 45.

## Capítulo 4: Arquitetura em Campina Grande no século XX

### 4.1- Desenvolvimento urbano e artístico de Campina Grande.

Poucos estudos foram levantados a respeito da arquitetura da cidade de Campina Grande, porém, ao falarmos sobre o processo de “modernização” que ocorreu na cidade, o estilo arquitetônico que se sobressai como símbolo do período é o *Art Déco*, que substituiu as várias edificações ecléticas e que muitas acabaram ficando apenas registradas por fotografias. E toda a modernização ocorrida em Campina Grande deu-se a partir da chegada do trem em 1907.

Na esfera acadêmica, surgem alguns estudos sobre arquitetura e urbanismo da cidade, mas abarcando, quase que somente, o período de 1935-1945, quando Campina Grande passou por diversas reformas que transformaram a sua paisagem urbana. Grosso modo, tem-se apontado que, no início da década de 1930, ocorreu um processo acelerado de modificação do espaço urbano campinense, através de reformas urbanas e arquitetônicas que deveriam “consolidar” a hegemonia econômica dos grandes comerciantes, compatíveis com o capitalismo em expansão no país, simbolizado, em Campina Grande, pelo Art Déco<sup>50</sup>

Exista-se uma grande vontade em dar novas caras à cidade que pudessem ser condizentes ao progresso na qual estaria passando e isso foi uma das ideias do Prefeito Vergniaud Wanderley ao longo de dois mandatos como Prefeito de Campina Grande. Inicia então a chamada *Revolução Urbana de Campina Grande*, que incentivava a derrubada de todas as construções antigas do centro da cidade para implantar um novo modelo artístico que iria dar novos ares a cidade. Com isso, torna-se importante e necessário uma reflexão sobre os aspectos políticos e econômicos para que se ocorra um processo de modernização de uma cidade.

O processo de reformulação urbana em Campina Grande, para Queiroz estava pautado nos ideais de higiene, circulação e embelezamento, alicerçado no mesmo lema positivo de PROGRESSO, MODERNIDADE e BELEZA que ainda hoje guia as intervenções sobre o município<sup>51</sup>. Sua pesquisa foi documentada e tratou de realizar levantamento dos projetos existentes no Arquivo Municipal da Prefeitura de Campina Grande.

Tentar entender o processo de modernização de Campina Grande levou a uma série de questionamentos. A figura de Vergniaud Wanderley não foi à única exclusiva

<sup>50</sup> TARGINO, Itapoan B. 2003, p. 102

<sup>51</sup> QUEIROZ, Marcos. 2008, p.15

responsável pelas transformações urbanas e arquitetônicas. Como já citamos ao longo de nosso trabalho, vários projetos de evoluções na cidade foram responsáveis em parte por essa modernização, a respeito da implantação da ferrovia, onde se teve um fundamental progresso na cidade.

Entendermos sobre esse processo de “modernização” de Campina Grande e suas significantes transformações urbanas e arquitetônicas é uma atividade que garante as suas peculiaridades quanto no que entendemos sobre modernidade como faz-se necessário entendermos sobre o lugar de Campina Grande, em seus aspectos políticos, econômicos e sociocultural. Segue abaixo a Figura 15 que nos mostra a Rua Monsenhor Sales na Cidade de Campina Grande.

**Figura 15-** Rua Monsenhor Sales (Beco do 31, década de 1930)



**Fonte:** Retalhos Históricos de Campina Grande, (2018).

O processo de modernização de Campina Grande surge a partir desse contexto nos anos 1930 e 1940. Torna-se frágil e simplista afirmar que as transformações urbanas que passou a cidade foram fruto apenas da vontade de um único administrador, e ainda mais grave quando referem-se a ele como “ditador-realizador dos milagres arquitetônicos”<sup>52</sup>. A propaganda de Vargas seria divulgar um Estado Novo no qual “Teria realizado os objetivos revolucionários, promovendo através da busca de novas raízes, da integração nacional, de uma ordem não-dilacerada pela disputas partidárias a entrada do Brasil nos tempos moderno”<sup>53</sup>.

Tomando para si o controle de todas as medidas “modernizadoras”, o crescente interesse do Governo Vargas em promover a industrialização e modernização do país, a partir de 1937, refletiu-se em diversos campos: não apenas no sócio-

<sup>52</sup> VÉRAS, C. C. L. 1998, p. 02

<sup>53</sup> FAUSTO, Boris 2007, p.376

econômico, mas também no educacional, desde 1930, com a criação do Ministério da Educação e Saúde; no fortalecimento das forças armadas; numa política trabalhista; no controle da opinião pública; e mesmo na reformulação da administração pública, transformando-a em agente dessa modernização, cuja principal instituição responsável era o departamento administrativo do Serviço Público (DASP), órgão criado em 1938, ligado à presidência da República.<sup>54</sup>

As primeiras intervenções urbanas que ocorreram no país “visavam principalmente criar uma nova imagem da cidade, permitindo às elites dar materialidade aos símbolos de distinção relativos à sua nova condição”<sup>55</sup>. E vinha com o objetivo de produzir uma nova imagem de cidade, uma cidade salubre e civilizada.

A década de 1920 é que vem surgir os primeiros debates sobre a necessidade de introdução urbanística. Sobre questões viárias, estéticas, fluidez e de legislação urbanística. Portanto na década de 1930 é que isso vem ser representado como período de gestação das ideias, boa parte dos planos preverem a abertura de novas vias, destruindo áreas consideradas insalubres e que necessitam ser retiradas ou remodeladas, como os cortiços, por exemplo.

A configuração urbana de Campina Grande, já dizia Queiroz,

Seja por um tipo de ocupação do solo e de construção de cidade que vinha desde os séculos anteriores, seja pelo novo elemento da transformação das terras citadinas em mercadorias pela iniciativa privada (...), ao chegar à década de 1930, praticamente toda a zona urbana de Campina Grande estava fracionada em lotes característicos do sistema de produção das cidades coloniais, estreitos e compridos. Consequentemente, a maior parte das construções seguia esses mesmos padrões de implantação, sem afastamento em relação à rua e as edificações vizinhas.<sup>56</sup>

A cidade vinha apresentando um crescimento espontâneo, os espaços iam sendo ocupados por diferentes classes sociais, mais uma vez o Queiroz afirma que “os conflitos daí resultantes iam desde questões e julgamentos estéticos, morais e higiênicos até reclamações por causa dos ruídos emanados pelas fábricas e pelas novas atividades noturnas de lazer”<sup>57</sup>.

Sousa observa a feira de Campina Grande como um tipo de reivindicação, ela que havia crescido consideravelmente entre 1920 e o final dos anos 1930:

Ruas centrais sujas, bêbados incômodos, algazarra, brigas, roubos, muita gente disputando com carros e caminhões espaços cada vez menores e estreitos e o odor daqueles movimentos começando a se fazer sentir nas narinas das elites e dos administradores municipais. Uma promiscuidade

<sup>54</sup> FAUSTO, Boris 2007, p. 378

<sup>55</sup> RIBEIRO e CARDOSO, 1996 p.59

<sup>56</sup> QUEIROZ, Marcos. 2008, p. 50

<sup>57</sup> Op. Cit.2006, p. 52-54

vociferavam os letrados. Surgiu a ideia da construção de um mercado novo (muito voga nas cidades brasileiras da época) e o prefeito Bento de Figueiredo decidiu dotar Campina Grande de um que estivesse à sua altura, iniciado em 1938. Antes mesmo de estar concluído, a feira foi transferida para suas imediações, em 1941, quando o prefeito da cidade já era Vergniaud Wanderley.<sup>58</sup>

A Figura 16 nos mostra alguns pormenores do arruado da Maciel Pinheiro em dia de Feira.

**Figura 16-** Maciel Pinheiro em dia de Feira – Década de 1920



**Fonte:** Retalhos de Campina (2018).

Após a candidatura de Vergniaud Wanderley em 1935, foi que o clima de transformação da cidade começou a esquentar, com o propósito de imagem progressista e moderna que já estava todo formulado. As primeiras modificações urbanas iniciaram na Rua Grande (1935-1937), atualmente chamada de Maciel Pinheiro, essa reforma retirou as casas de prostíbulo de toda região central. O saneamento e embelezamento demandou um tempo maior e foi marcado por grandes conflitos.

Essas modificações à medida que iam se regulamentando, as implantações aliadas às novas posturas do poder público e da própria população frente a essa modernização, as construções iam apresentando novas transformações.

Das áreas de expansão até os espaços de ocupação mais antigos da cidade, grande patê das construções novas e reformadas incorporou recuos, jardins, terraços, varandas, janelas em todos os ambientes, pátios e poços de iluminação. Por consequência, as plantas ganharam arranjos mais recortados e os telhados tiveram que se adequar a desenhos mais complexos. Com as possibilidades abertas por todos esses elementos, com a utilização de telhados desencontrados, platibandas em níveis diferentes, beirais, marquises, jardineiras, gradis em aberturas, muro e portões.<sup>59</sup>

<sup>58</sup> SOUSA, Fábio. 2001, p. 158-159

<sup>59</sup> QUEIROZ, Marcos. 2008, p.138

A Figura 17 nos apresenta o processo de reurbanização das ruas centrais de Campina Grande.

**Figura 17-** Aspecto das transformações urbanas na Rua Marquês do Herval, 1942.



**Fonte:** Cabral Filho (2007).

Essas mudanças foram perceptíveis em residências mais abastadas, a partir da medida que ia dando riquezas às camadas campinenses mais populares. Reflexo através da elevada economia que a cidade estava alcançando, principalmente em especial o algodão, como fonte de maior economia. É interessante ressaltarmos sobre esse processo de modernização, o quanto ele pôde influenciar nessa nova linguagem arquitetônica, ou então pensamos o inverso, o quanto a linguagem arquitetônica pode representar nesse processo modernista.

#### ***4.2 Campina uma cidade cada vez mais enGRANDEcida. A cidade Moderna.***

A Art Déco foi uma tendência de caráter francês que veio surgir a partir de um movimento de âmbito internacional de design, entre os períodos de 1925-1939, período que estendeu-se através de artes decorativas, arquitetura, designer de interior e desenho industrial. Podemos dizer que o estilo misturou diversos movimentos, tais como: O Construtivismo, o Cubismo, Bauhaus, Art Nouveau, o Modernismo e o Futurismo.

A arquitetura de tendências Art Déco adotou- em nome da economia e da modernidade- as fachadas de linhas puras, libertando-se do excesso decorativo e exuberância do Art Nouveau- e agora, superfícies planas expressam os materiais, eliminando-se os desenhos simbólicos e fantasiosos.<sup>60</sup>

O modelo arquitetônico Art Déco, tornou-se bem acessível a todas as camadas sociais. Das elites, às classes médias e as classes mais populares. Ele conseguiu conquistar o gosto popular e foi modelo de grandes prédios e pequenas casas residenciais, convertendo assim todos os centros urbanos brasileiros nas décadas de 1930 e 1940.

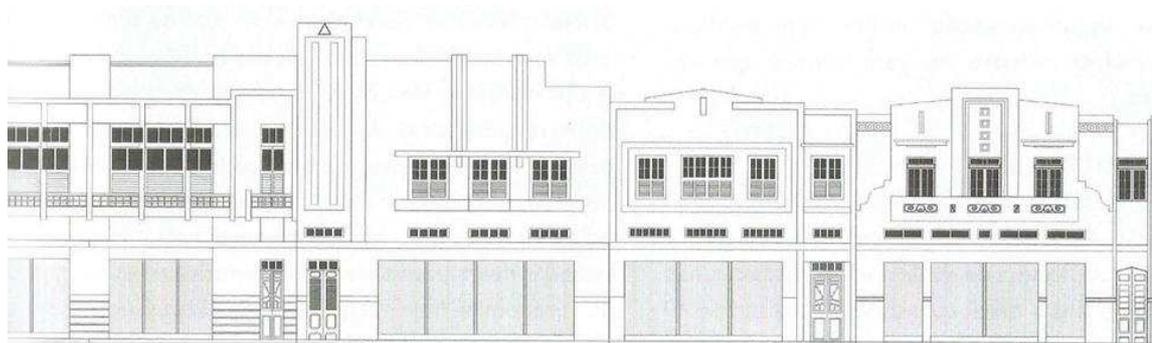
O estilo torna-se símbolo de uma grande reforma urbana empregada pelo Prefeito Vergniaud Wanderley com a tentativa de modernizar a “Liverpool Brasileira”, a segunda praça algodoeira do mundo, quando ela inicia um processo de remodelamento do seu centro através de leis que apresentavam cunho sanitário e urbanístico.

O acervo ao ar livre de Art Déco em Campina Grande é um dos maiores e mais importantes no cenário nacional e está localizada e concentrada em toda área do centro histórico da cidade, trata-se de bens possuídos de grande qualidade arquitetônica. Abaixo, na Figura 18, vemos o lado direito e o lado esquerdo da Rua Maciel Pinheiro o projeto artístico de seus sobrados comerciais.

---

<sup>60</sup> AFONSO e ARAÚJO, 2015. p 03

**Figura 18:** Rua Maciel Pinheiro. Exemplo da Arquitetura Art Déco na cidade.



Rua Maciel Pinheiro/ lado par/ 1º quarteirão. Sobrados comerciais.



Rua Maciel Pinheiro/ lado ímpar/ 1º quarteirão. Câmara Municipal e sobrados comerciais.

**Fonte:** Rossi (2010).

Sua inserção no cenário local aconteceu em meio a um processo de renovação da paisagem urbana campinense que se iniciou na década de 1930 (principalmente da sua região central), atravessou os anos 1940 e chegou aos 1950 com o mesmo intuito e discurso de construção de uma cidade moderna, civilizada, burguesa, pronta para o livre desenvolvimento do capital.<sup>61</sup>

Apesar de que infelizmente boa parte de todo esse acervo histórico em Art Déco e como também outros demais estilos arquitetônicos existentes na cidade terem sido apagados da rua da cidade, alguns prédios de alta significância como o edifício da Biblioteca Municipal, o Cine Teatro Capitólio, a sede dos Correios e o Telégrafo, a atual sede da Prefeitura Municipal (antigo Grande Hotel), entre outros, ainda são encontrados preservados na cidade e tombados pela prefeitura municipal.

Os primeiros traços modernos surgiram na década de 1930 e 1940 com pequenas modificações nas casas e edifícios que divulgaram ao público os primórdios de uma nova fase de modernidade e inovação. São mudanças que trabalham seus elementos básicos, a caracterização de unidades elementares simples e a construção da complexidade através do simples.<sup>62</sup>

<sup>61</sup> ROCHA e QUEIROZ. 2006 p. 09

<sup>62</sup> AFONSO, Alcilia. 2015 p.15

As manifestações arquitetônicas na cidade de Campina Grande, entre as décadas de 1930 e 1950, como já citamos, era encontrado o Art Déco, assim como também o Bangalô, que era uma denominação dada a casas construídas que apresentavam no máximo dois pavimentos, um estilo bastante popular na América do Norte. E a partir da década de 1930 a 1940 ela se fez presente na arquitetura brasileira, inclusive deixando suas marcas em Campina Grande. O Neocolonial também é um dos modelos arquitetônicos possíveis de ser identificados em Campina Grande, que surgiu no Brasil através de debates que buscava uma arquitetura que pudesse identificar a nacionalidade e a modernização, em uma dada conferência foi proposta uma arquitetura que pudesse conceber o passado colonial brasileiro, como fonte de sua tradição histórica e artística nacional, partindo daí os primeiros traços da Arquitetura Neocolonial. Outro estilo comum de se encontrar em Campina Grande é o estilo Missões. Que para o desenhista Geraldinho Pereira Duda<sup>63</sup> era chamado de estilo português e estilo espanhol. O estilo Missões surge no Brasil na década de 1930. O estilo inspira-se na arquitetura colonial hispano-americana e que de forma irônica originou-se no Estados Unidos no final do século XIX. Esse estilo espalhou-se por todo o Brasil e estava presente na arquitetura de todas as classes sociais.

---

<sup>63</sup> Em entrevista a Dinoá (1988).

### ***4.3 A evolução do centro de Campina Grande vista a partir de fachadas residenciais.***

O trabalho que envolve as pesquisas realizadas em arquivos e jornais demanda um tempo imprevisível, pois depende de vários fatores como o acesso, o estado de conservação, a legalidade da documentação, regularidade no funcionamento dos arquivos e dentre outros.

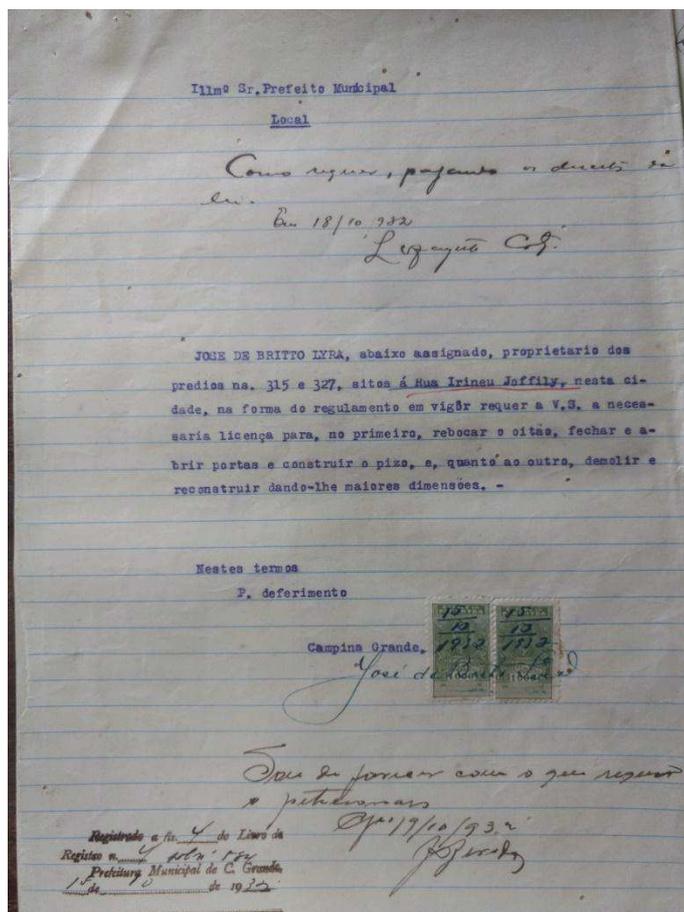
Dessa maneira, na observação direta, ou melhor, nas pesquisas de campo prévio, observamos algumas residências que se tornaram destaques pelas paisagens da cidade algumas por manterem as suas características originais, outras por sofrerem transformações catastróficas, ou por terem sido demolidas para dar lugares a outras edificações.

Um dos grandes passos da pesquisa seria descobrir onde ou se seria possível encontrarmos projetos e licenças das casas de Campina Grande, já que dificilmente o proprietário ainda possuísse o projeto de sua casa. Portanto, foi através do Arquivo Público Municipal de Campina Grande, que encontramos todas as licenças de construções e reformas, a maioria com seus projetos anexados, arquivados por caixas e separados por anos e nome das ruas.

A pesquisa ao Arquivo Municipal foi extensiva. Primeiramente por ter fontes fidedignas, que irá garantir as datas que estão sendo registradas por mês e ano, e depois por nos fornecer a originalidade do documento. No arquivo público pudemos encontrar o mapeamento da cidade de Campina Grande documentado a partir do ano de 1932. As figuras abaixo mostram alguns pedidos de licença para reformar, construções, restaurar e outros.

A Figura 19 remete-se a um documento de solicitação de licença para ser executado trabalhos domiciliares na Rua Irineu Jofilly, o pedido remete-se a rebocar, fechar e abrir portas e construir pisos.

**Figura 19-** Solicitação de licença para executar trabalhos de reforma. Rua: Irineu Joffily, propriedade do Sr. José de Brito Lyra, 1932.

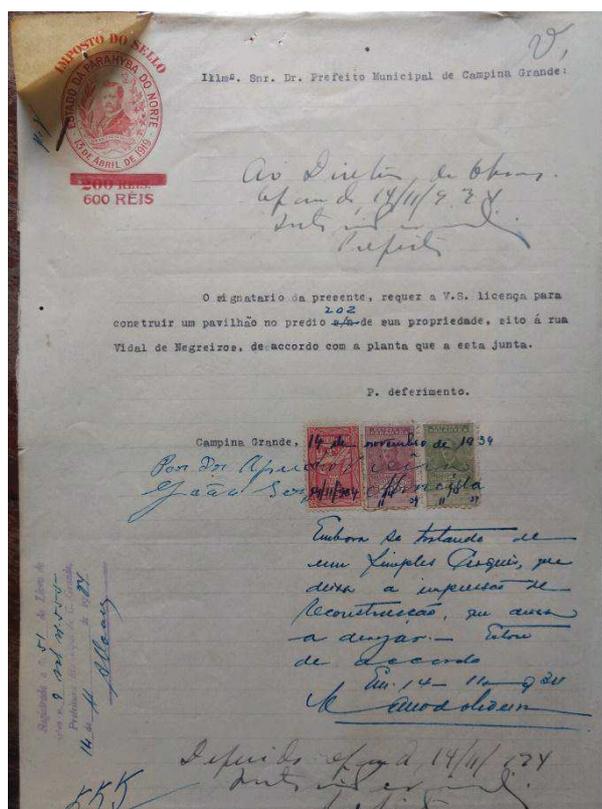


Fonte: Acervo Arquivo Público Municipal de Campina Grande. (2018)

As Figuras 20 e 20.1 trata-se de um requerimento para a liberação de uma construção de um pavilhão no prédio, que fica localizado na Rua Vidal de Negreiros<sup>64</sup>. Em baixo da documentação segue o modelo de fachada. Documentação datada no dia 14 de novembro de 1934.

<sup>64</sup> Solicitação de licença para construção de um pavilhão, na rua Vidal de Negreiros, 1934

**Figura 20-** Solicitação de licença para construção de pavilhão Rua: Vidal de Negreiros, N° 202, 1934.



**Fonte:** Acervo Arquivo Público Municipal de Campina Grande. (2018)

**Figura 20.1-** Planta anexada a solicitação de licença. 1934.



**Fonte:** Acervo Arquivo Público Municipal de Campina Grande. (2018)

O Art Déco em Campina Grande representou um caminho urgente na busca por modernidade, sem grandes rupturas com as estruturas físicas e sociais remetendo ao

passado. No meio arquitetônico, o Art Déco veio com uma linguagem estética que tentava espalhar o frescor, a higiene, o progresso, o apelo consumista, enfim, veio para mostrar os avanços do mundo moderno. “O termo art déco só foi outorgado em 1966, por ocasião da exposição revisionista Les Années 25, realizada no Museu de Artes Decorativas de Paris em comemoração à exposição de 1925”<sup>65</sup>.

Assim, nos anos 1920, 1930 ou 1940, nenhum artista, design ou arquiteto definia a sua obra como art déco, muito menos clientes e administradores públicos a conheciam dessa forma. Em tais décadas, a corrente estética ganhou vários batismos no Brasil e no exterior, ficando conhecida, dentre outros nomes, como modernistic, jazz modern style, zigzag modern, style 1925, Paris 25, streamlined modern, futurismo, cubismo (13) ou estilo, feição e tipo moderno, como foi o caso de Campina Grande.<sup>66</sup>

Para pinheiro, o Art Déco apesar de apresentar tantas formas variadas e por ser uma fontes influenciável, torna-se sempre mais fácil identifica-lo na arquitetura.

Isto porque a concepção espacial geral é sempre calcada na rigorosa observância dos preceitos compositivos da École des Beaux Arts de Paris: composição de fora para dentro, simetria absoluta em torno de um ou mais eixos, etc. Além disso, o art déco também se Revista CPC, São Paulo, n. 11, p. 103-135, nov. 2010/abr. 2011 115 caracteriza por utilizar invariavelmente certos mecanismos de uniformização dos elementos ornamentais – tais como a estilização e geometrização -, que têm como resultado a homogeneização das suas várias fontes de influência decorativa. Esse procedimento, que deriva dos movimentos artísticos de vanguarda e sua tendência à abstração, é em grande parte responsável pelo aspecto moderno do art déco – que, entretanto, não vai muito além das aparências externas.<sup>67</sup>

O estilo Art Déco faz uso a eliminação de ornamentações em suas fachadas, buscava-se por formas “limpas” e geométricas, nada exagerado, sempre se remetendo ao simples. Isso também porque o mercado tinha um interesse em diminuir o tempo do projeto, sendo ele mais rápido para executar e também iria baixar os custos da mão-de-obra, pois não se exigia uma qualificação, já que não se aplicava ornamentos.

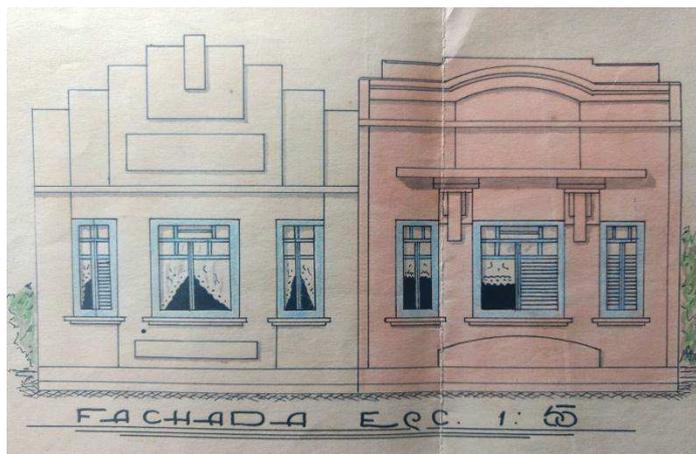
O movimento higienista remetia exatamente ao simples e formal. A Figura 21 mostra um conjunto de casas na Rua Otacílio de Albuquerque construídas no ano de 1934 com fachadas em Art Déco.

<sup>65</sup> CAMPOS, V. J. B. 1996, p. 17

<sup>66</sup> QUEIROZ, Marcus. 2011, p.107

<sup>67</sup> PINHEIRO, M. L. B. 1997, p. 205-206.

**Figura 21-** Projeto para construção de nove casas na rua Otacílio Albuquerque, 1934.



**Fonte:** Arquivo Público de Campina Grande. Fotos: Do Autor.

Na Rua Otacílio Albuquerque também foi possível verificarmos a conservação na maioria das residências, muitas ainda permanecem intactas e bem conservadas, prevalecendo a sua arquitetura de origem.

Outros estilos paralelamente ao do Art Déco, que fazem menção aos resquícios de um ecletismo historicista, foram bastante comuns em Campina Grande a construção de edifícios que faziam referências aos chalés suíços, as construções arquitetônicas das missões espanholas e às nossas raízes coloniais portuguesas.

Na década de 1920, a produção neocolonial teve uma larga difusão entre os anos de 1930 e 1940. Porém, “a força instauradora contida em seus postulados foi fenecendo em imitações inconsistentes e destituídas da carga ideológica formulada por seus idealizadores”<sup>68</sup>.

Na cidade Campina Grande esses três estilos arquitetônicos, neocolonial, do missões e os bangalôs, poderiam estar presentes em apenas uma construção.

Frontões com volutas, falsos beirais (soltos na composição geral das fachadas ou contornando as platibandas), torreões, colunas retorcidas, painéis de azulejos, varandas laterais com telhados apoiados em mãos-francesas, telhados com grandes inclinações, chaminés, terraços e varandas em arco, janelas protegidas por grades de ferro artisticamente trabalhadas, lampiões de ferro pendurados no exterior, altos relevos em cimento criando falsas estruturas de madeira nas fachadas.<sup>69</sup>

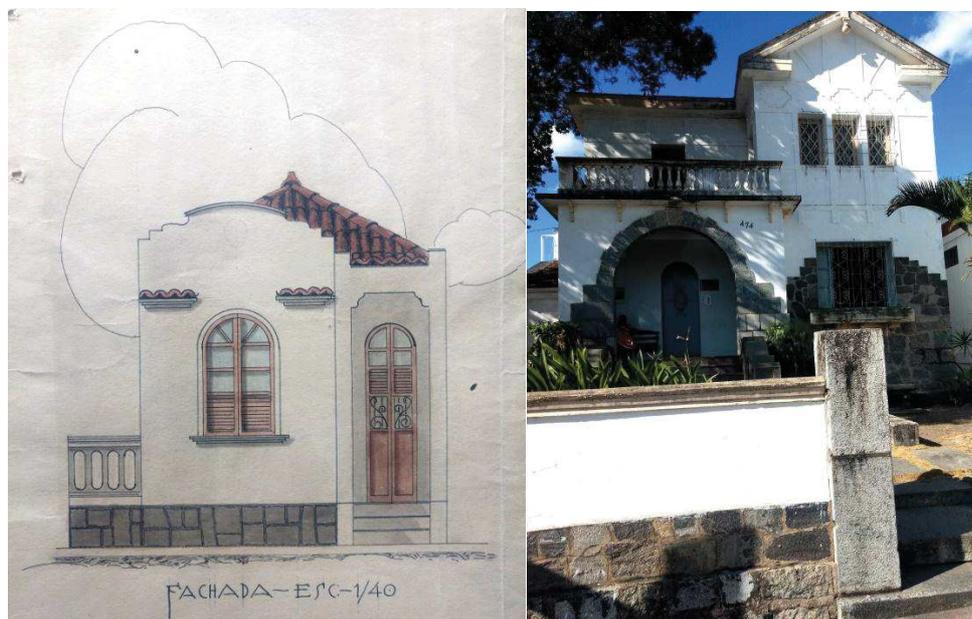
Tudo isso foram alguns dos elementos formais que compuseram as várias produções locais em Campina Grande, como por exemplo, mostra a Figura 22.

---

<sup>68</sup> SEGAWA, H. 2002, p. 38

<sup>69</sup> QUEIROZ, M. V. D. 2011, p.126

**Figura 22-** Planta da residência de Maria das Graças de Azevedo Cruz, na Rua Otacílio Albuquerque, projeto do ano de 1934. Residência na Rua Getúlio Vargas, Centro, Campina Grande (desconheço ano e projetista).



**Fonte:** Arquivo Público Municipal de Campina Grande.

**Foto:** Do Autor

Outra residência que nos chama a atenção no centro histórico de Campina Grande, localiza-se na Rua Vidal de Negreiros, com sua arquitetura Neocolonial, com traços das missões. A residência é da década de 30, porém, desconhecemos o proprietário e arquiteto que produziu a planta (Figura 23).

**Figura 23-** Residência na Rua Vidal de Negreiros, atualmente serve como ponto para estacionamento.  
Construção da década de 1930.



**Fonte:** Do Autor.

Outro estilo que também se fez presente em algumas construções campinenses, foi o Eclétismo. Ele veio surgir mais próximo ao final do século XIX, e era possível percebermos a sua fidelidade, dava lugar as construções mais ecléticas.

Alguns arquitetos procuravam seguir influências de diversos estilos em uma única construção, utilizando influências do Barroco, Arte Oriental, Clássico e também dos recém-surgidos Art Déco e Art Nouveau. [...] A arquitetura Eclética tem para a história grande valor porque relata esses momentos de profundos paradoxos na vida do homem moderno. [...] Acontecia um crescimento rápido de muitas cidades brasileiras, de maneira que no início do séc. XX, a casa [...] ganha um acesso e varanda laterais e comumente é geminada com sua vizinha. Os portões e gradis são de ferro e essa casa pode receber ainda uma profusão de influências de períodos distintos do passado <sup>70</sup>

As características da arquitetura eclética trazem novos traços para atender a um público de maior poder aquisitivo.

Ela se caracterizou também pela simetria, busca de grandiosidade, rigorosa hierarquização dos espaços internos e riqueza decorativa. Ela se destacava por usar as esquinas como entrada, apesar de não ser um pressuposto do eclétismo, os edifícios continham bastante brasilidade e no frontão demonstravam o uso do prédio <sup>71</sup>.

Fabris (1993) irá falar acerca de uma maior compreensão sobre o que seria o eclétismo no final do século XIX:

<sup>70</sup> ARALDI e VISOLI, 2009. Acesso 18/10/18

<sup>71</sup> DEBARBA et al, 2010. Acesso 18/10/18

No centro de uma das questões fundamentais do Eclétismo (está) a da representação, a da teatralização da vida. Não é por acaso que sua manifestação mais importante se concentra na fachada [...] a arquitetura deve ser representativa, deve evidenciar através da forma exterior e da estrutura o status de seu ocupante, seja ele o Estado, seja ele o indivíduo particular. É por isso que a decoração se torna um elemento indispensável a ser usado em larga escala, que se multiplica a função ilusionista dos materiais [...] <sup>72</sup>.

Anos depois, após as influências de alguns arquitetos modernistas, o estilo eclético passa a ser bastante desconsiderado chegando a ser para muitas aberrações. Muitas construções foram demolidas, obras até mesmo icônicas desse tempo.

Na Rua Peregrino de Carvalho, em Campina Grande conseguimos identificarmos uma construção do Eclétismo. Desconhecemos o ano da construção, proprietário e arquiteto da obra. Na imagem, a casa tem passado recentemente por uma reforma, onde levou uma pintura e alguns consertos em sua estrutura. (Figura 24).

**Figura 24-** Residência na Rua Peregrino de Carvalho. A residência apresenta estilo eclético, o que marca a sua belíssima fachada.



**Fonte:** Retalhos de Campina (2018)

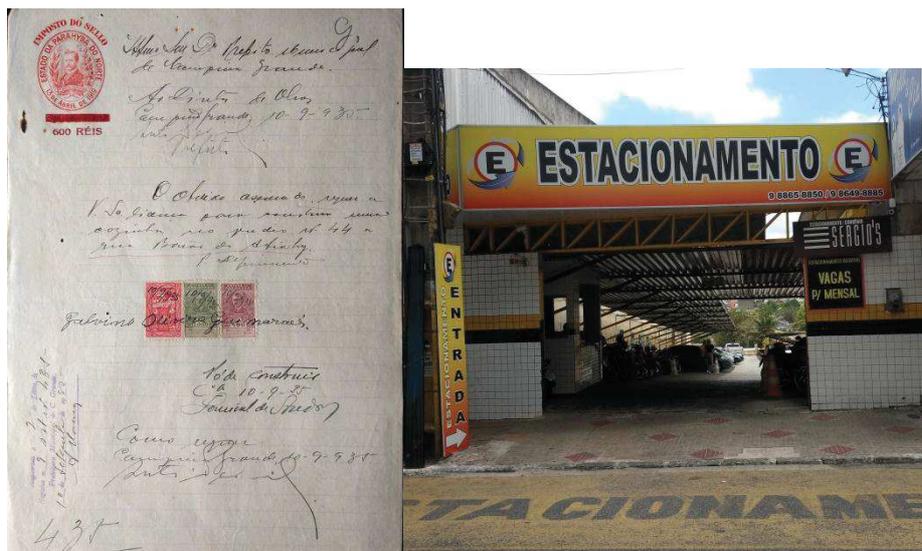
Após minha ida ao arquivo público e identificar todas as documentações de licenças para reformas e construções, tive a curiosidade de ir até aos devidos endereços ver como estariam àquelas belíssimas residências hoje. E ao chegar aos endereços registrados, o que encontramos não foi de bom grado para nós historiadores e pesquisadores. Algumas

---

<sup>72</sup> FABRIS, Annateresa. 1993, p. 67

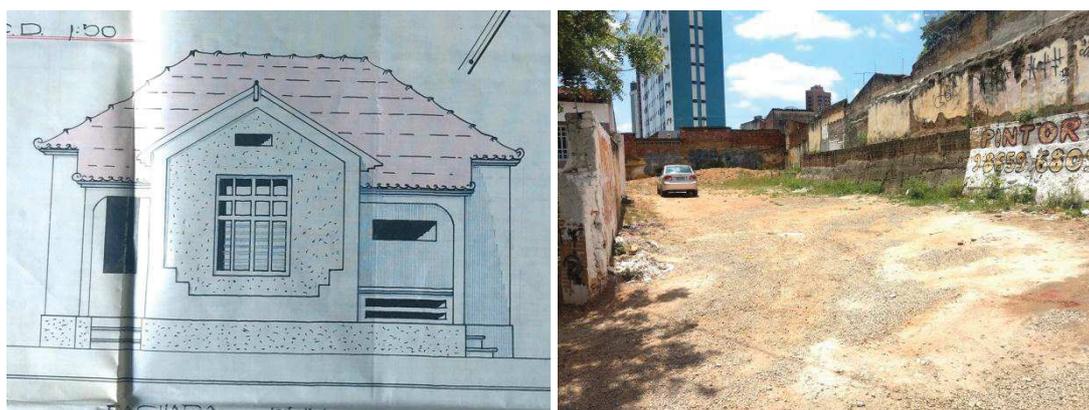
residências já não existiam mais e passaram a servir como estacionamentos, outra derrubada para dar-se início a um edifício, também encontramos residências reformadas, na qual perderam a sua arquitetura de início. Abaixo algumas fotografias dessas devidas residências. Ambas na Rua Vidal de Negreiros e Barão do Abiay. (Figuras 25, 26 e 27)

**Figura 25-** Pedido de licença para reformar uma residência na Rua Barão do Abiay no dia 10/09/1935. Abaixo como essa mesma residência se encontra no mesmo endereço.



**Fonte:** Arquivo Público Municipal.  
**Foto:** Do Autor

**Figura 26-** Projeto para construção de uma residência na Rua Vidal de Negreiros. Projeto ano de 1935. Atualmente um terreno baldio para construção de um edifício.



**Fonte:** Arquivo Público Municipal de Campina Grande  
**Foto:** Do Autor.

**Figura 27-** Projeto para construção residencial na Rua Vidal de Negreiros, 1934. A residência passou por reformas perdendo então a sua devida originalidade, dando espaço para hoje uma barbearia.



Fonte: Arquivo Público Municipal de Campina Grande

Foto: Do Autor.

Outra observação que foi vista após analisar as documentações de licenças na cidade de Campina Grande no período de 1930 a 1950, foi que durante o início da década de 1940 vários moradores licitaram a prefeitura referida à permissão para fazer reformas de saneamento básico e reformas estruturais. Isso se deu como falamos no início do capítulo, pelo processo de reformulação urbana na Cidade, que pautava-se nos ideais higienistas, embelezamento e sanitarista, no qual seguia-se o lema: PROGRESSO, MODERNIDADE e BELEZA, que circulava todo o país e Campina Grande após a chegada de Vergniaud Wanderley como prefeito municipal.

Existia-se um grande desejo em dar novas caras à cidade, que pudesse mostrar o progresso no qual estaria se passando o país todo, como mencionado, esse processo só veio de fato ocorrer na cidade de Campina Grande após o governo do prefeito Vergniaud Wanderley ao longo de oito anos. Esse período também ficou conhecido como Revolução Urbana de Campina Grande, e nesse período diversas antigas construções foram demolidas para dar lugar a esse novo estilo arquitetônico que ocupava as principais ruas da cidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Alô Alô minha Campina Grande  
Quem te viu e quem te vê  
Não te conhece mais  
Campina grande ta bonita, ta mudada  
Muito bem organizada, cheia de cartaz.<sup>73</sup>*

Gravada nos anos de 1970, logo após três décadas do período em que estudamos, a música cantada pelo então Jackson do Pandeiro vem nos anunciar sobre uma Campina Grande bastante irreconhecível, uma Campina mudada, uma Campina bonita, uma Campina digna de ser visitada e escolhida por turistas. Tudo estava muito diferente após a década de 1930 até 1940, o ritmo frenético, urbano, que está presente na canção de Jackson do Pandeiro pulsa uma cidade em transformação, com novos hábitos, novos costumes, novos tempos, novas paisagens, novas imagens modernas.

Desde o início da pesquisa, procuramos recolher e sistematizar o máximo de informações e documentos a respeito de produções da arquitetura de Campina Grande. Seleccionamos agentes e produções que pudessem significar melhor aproveitamento para o desenvolvimento de um debate do processo de difusão da arquitetura brasileira. Campina Grande possui um grande acervo de edifícios e residências projetados nesse recorte cronológico de tempo de 1930 a 1950 e muitos ainda permanecem em bons estados de conservação. Além de possuir também, muitos interessados e estudiosos na área que se preocupam com o patrimônio histórico e material da cidade, como vem fazendo alguns projetos na cidade que busca valorizar assim, a importância de salvaguardar o patrimônio campinense.

A preservação do patrimônio arquitetônico de Campina Grande desde o século XXI vem sendo composto por acervos através de seminários, resgates documentais, projetos de pesquisas das universidades e também por ações de educação patrimonial.

As instituições públicas criaram mecanismos legais para a preservação desse acervo, tais como a Lei Municipal nº 3721/1999, e o Decreto Estadual nº 25.139/2004. Através do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba- IPHAEP, dezoito imóveis encontram-se tombados em nível estadual, enquanto que o IPHAN, não realizou nenhum tombamento, ainda, na cidade.

No âmbito municipal existe um departamento voltado a desenvolver trabalhos sobre educação patrimonial, que dialoga diretamente com o IPHAEP, com a Universidade

---

<sup>73</sup> Trecho da música *Alô, Campina Grande*, composta por Severino Ramos e gravada por Jackson do Pandeiro no ano de 1977.

Federal de Campina Grande e Universidade Estadual da Paraíba e que buscam parceiras para que possa se fortalecer ainda mais o trabalho de preservação do acervo.

Notamos que as intervenções práticas de restauração e revitalização de obras arquitetônicas não estão sendo realizadas. Hoje a prioridade da preservação está voltada para o acervo de Art Déco e imóveis que se concentram no centro histórico da cidade. É necessário refletirmos acerca desses efeitos e buscar soluções adequadas aos problemas que vem sendo causados por esse descaso nas conservações, não podendo esquecer que os espaços públicos, as paisagens culturais urbanas, a arquitetura e o urbanismo têm papel de grande determinação nas condições de vida das populações em geral.

É de uma grandiosa importância se preservar edifícios históricos, espaços públicos e o valor urbanístico e arquitetônico, principalmente pelo o que eles nos representam. A criação e a preservação dos espaços, dos equipamentos e dos serviços urbanos funcionais, é uma tarefa que se desenvolvi em conjunção por instituições nacionais, regionais e locais.

O MONTANER e MUXI<sup>74</sup> vêm abordar questões pertinentes acerca do cenário contemporâneo das discussões em relações a cidade, história, memória e patrimônio.

Quem possui o interesse em recordar? Que grupo ou classe social, dos diversos que confluem em cada cidade, tem o poder de definir a memória? Como cada cidade vai construindo seu imaginário à custa da ênfase em alguns aspectos e do esquecimento dos outros? Porque para recordar certos fatos é preciso esquecer os outros?<sup>75</sup>

Com isso é possível observarmos que na contemporaneidade, as cidades, como os seus arquivos de história e de memória construídos a partir de seu acervo, vem cada vez mais desenvolvendo um processo de destruição da memória ou então sofrendo “Traumas urbanos”.

Por fim, espera-se que esta pesquisa seja válida para não somente como registros de edificações, mas que venha-se servir como registros de uma memória que não deve ser e não merece ser apagada. É necessário pensar sobre as transformações arquitetônicas e urbanas no qual Campina Grande vem sendo sujeita. Se os campinenses ainda querem ter motivos para se orgulhar da cidade, precisam ter consciência de que “modernidade e beleza” não são coisas grandiosas feitas em outra. Que é necessário refletir sobre seus próprios feitos e buscar soluções adequadas aos seus problemas.

---

<sup>74</sup> MONTANER e MUXI 2011. p.168

<sup>75</sup> Idem, ibid. p.168

*Hoje, para mostrar que se desenvolve em todos os sentidos, acompanhando as exigências do progresso, cresce verticalmente, estando os seus gigantescos edifícios de concreto armado desafiando as leis da gravidade.*

*Campina Grande, para vingar-se de ser uma cidade do interior, desafia muitas capitais de pequenos Estados, possuindo hotéis de luxo comparados com qualquer hotel de primeira classe nos grandes centros; estação de televisão; três emissoras de rádio; aeroporto com capacidade para aterrissagem de qualquer tipo de avião; um dos maiores centros comerciais do Nordeste; um parque industrial em franco desenvolvimento, que acompanha de perto o progresso da cidade; é sede de duas importantes empresas bancárias: Banco Industrial de Campina Grande S/A e Banco do Comércio de Campina Grande S/A; se lhe falta um bom cinema, possui um dos mais modernos teatros do Norte do Brasil; duas universidades em pleno funcionamento, sendo que uma delas pertence ao próprio Município; e o que é mais importante, o entusiasmo dos seus filhos e habitantes, corroborando para o seu desenvolvimento cada vez maior.*

**Revista Tambaú**

**1966:39-40**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Alcilia. **Liverpool do Brasil. Resquícios do Patrimônio industrial em Campina Grande. Proposta para novo uso de antiga estrutura industrial.** Gijón: Anais da VII Jornadas Internacionais de Patrimônio Industrial.2015;

AFONSO, Alcilia. **Origem da Arquitetura moderna em Campina Grande: Obras Presursoras e suas contribuições para a arquitetura regional. 1900-1950.** UFCG. CTRN. UAEC. Professora Doutora do Curso de Arquitetura e Urbanismo;

ALVES, Marieta. **História, Arte e tradição da Bahia.** Salvador: Prefeitura Municipal do Salvador, Departamento de Cultura, Museu da Cidade, 1974. p. 8;

ANDRADE, Rodrigo M. F. de. **O Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.** Revista Municipal de Engenharia, 6(5), setembro de 1939, Rio de Janeiro. \_\_\_\_\_. [Entrevista] “*Estavam roubando o patrimônio artístico do Brasil! Vai ser organizada a defesa às nossas relíquias históricas*”. O Globo, Rio de Janeiro, 22 out. 1936;

ARAGÃO, Solange de. **Ensaio sobre a casa brasileira do século XIX** [livro eletrônico]/ Solange de Aragão – São Paulo: Blucher, 2017;

ARALDI, Débora. VISOLI, Laís. **Arquitetura eclética.** Em: <http://arquibrasil.wordpress.com/2009/09/28/arquitetura-eclética>. Acesso em: 01 de outubro de 2018;

ARAÚJO, Cinthya. **Origem da Arquitetura moderna em Campina Grande: Obras Presursoras e suas contribuições para a arquitetura regional. 1900-1950.** UFCG. CTRN. Aluna da graduação do Curso de Arquitetura e Urbanismo;

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço.** Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1972;

BRASIL. Decreto-lei nº 25. **Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional,** 30 de novembro de 1937. Em Abreu, Gláucia Côrtes;

CAMPOS, V. J. B. **Art déco na arquitetura paulistana: uma outra face do moderno.** Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996;

\_\_\_\_\_. **O art déco e a construção do imaginário moderno: um estudo de linguagem arquitetônica.** Tese (Doutorado)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003;

CAVALCANTI, Nireu. **O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004;

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Unesp, 2006;

COARACY, Vivaldo. **Memórias da cidade do Rio de Janeiro**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1965. [1955];

COSTA, L. **Sobre arquitetura**. Rio Grande do Sul, Universidade, Faculdade de arquitetura, centro acadêmico. Porto alegre, CEUA, 1962;

CRULS, Gastão. **Aparência do Rio de Janeiro (Notícia histórica e descritiva da cidade)**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1952;

D’ALESSIO, Márcia M. **Revista do patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Brasília- DF. IPHAN, 2012;

DEBARBA, André Luís. GREGORY, Angélic. FRANKEN, Angela Pulga. BRUXEL, Daniela Cristina. **Período Colonial**. Em: <http://arquitracobrasil.wordpress.com/periodo-colonial-1530-a-1830>. Acesso em: 21 de setembro de 2018;

DINOÁ, R. **A arquitetura de Geraldino Duda**. Diário da Borborema. Campina Grande, 28 ago. 1988;

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Edusp, 2007.

FABRIS, Annateresa. **Arquitetura eclética do Brasil: o cenário da modernização**. São Paulo: Anais do Museu Paulista, 1993

FREIRE, Adriana L. A. **Arquitetura moderna residencial de Campina Grande: Registos e especulações (1960-1969)**. Monografia apresentada como trabalho final de conclusão do curso em Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007;

FREIRE, Adriana Leal de Almeida. **Modernização e modernidade: Uma leitura sobre a arquitetura moderna de Campina Grande (1940-1970)** / Adriana Leal de Almeida Freire; Orientador Carlos A. Ferreira Martins. – São Carlos, 2010;

FREYRE, Gilberto. **Casa grande & senzala**. 51. ed. São Paulo: Global, 2006. [1933];

\_\_\_\_\_. **Mucambos do Nordeste**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, s. d. [1937];

- \_\_\_\_\_. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936;
- \_\_\_\_\_. **Nordeste. Aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 1989. [1937];
- \_\_\_\_\_. **Região e tradição**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941;
- LEMOS, Carlos A. C. **História da Casa Brasileira**. São Paulo: Contexto, 1989;
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2003;
- LE GOFF, Jacques. **Memória**. Em Enciclopédia Einaudi, ol. I, Memória-História. Portugal: Imprensa Nacional;
- MATTOSO, Kátia M. de Queirós. **Bahia, século XIX: uma província no Império**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992;
- MONTANER, J e MUXI. **Arquitetura e política**. Barcelona: editora Gustavo Gili.2011
- MOREIRA, F. D. **Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade**. Recife: Fasa, 2007
- NORA, Pierre. **Les lieux de mémoire**. Vol. I. Paris : Éditions Gallimard, 1984;
- PEREIRA, M. S. **Os correios e telégrafos no Brasil: um patrimônio histórico e arquitetônico**. São Paulo: MSP/ Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, 1999;
- PINHEIRO, M. L. B. **Arquitetura residencial verticalizada em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940**. Anais do Museu Paulista, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 109-149, jan./jun. 2008;
- PORTO, Francisco Evangelista. **O mapa da cidade: o papel das políticas públicas e suas relações com o crescimento urbano da cidade de Campina Grande- PB**. Francisco Evangelista Porto. – Campina Grande: UEPB, 2007. Dissertação (mestrado interdisciplinar em ciências sociais)- universidade Estadual da Paraíba.
- POULET, Georges. **O espaço proustiano**. Rio de Janeiro: Imago, 1992(Louzada apud Cunha, 1992:15);
- QUEIROZ, Marcus Vinicius Dantas de. ROCHA, Fabiano de Melo Duarte. **Caminhos da Arquitetura Moderna em Campina Grande: emergência, difusão e produção dos anos 1950**. In: Diniz, Fernando (org.). **Arquitetura Moderna no Norte e Nordeste do Brasil: universalidade e diversidade**. Recife: FASA, 2007, p. 259 -278;

QUEIROZ, M. V. D. **O século 20 e a constituição de algumas de suas modernidades arquitetônicas: Campina Grande (PB) 1930-1950.** Revista CPC, São Paulo, n. 11, p. 103-135, nov. 2010/abr. 2011;

QUEIROZ, M. V. D. **Quem te vê não te conhece mais: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950).** Dissertação (Mestrado)- Programa de pós- graduação em arquitetura e urbanismo da escola de engenharia de são carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 2008;

REIS FILHO, N. G. **Evolução Urbana do Brasil: 1500/ 1720.** S. Paulo, Pioneira, 1968;

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 1970;

REIS FILHO, N. G. **Urbanização e Teoria.** Pioneira , 1967, S. Paulo;

RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz; CARDOSO, Adauto Lucio. **Da Cidade à nação: gênese e evolução do urbanismo no Brasil.** In: RIBEIRO, L. C. de Q.; PECHMAN, Robert. Cidade, povo e nação. Gênese do urbanismo moderno. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1996, p.53-78;

ROCHA, Fabiano de Melo, QUEIROZ, Marcus Vinicius. **Arquitetura Moderna em Campina Grande: emergência, difusão e a produção dos anos 1950.** In: 1º Seminário DOCOMOMO Norte-Nodeste, 8-11 mai. 2006. Recife. Anais

SEGAWA, H. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2002;

SOUSA, Fábio Gutembreg Ramos Bezerra de. **Campina Grande: Cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945).** Revista Brasileira de História, São Paulo, v.23, n° 46, 2003, p. 61-92;

SPHAN/Fundação Nacional pró-Memória. **Proteção e revitalização do patrimônio histórico e artístico nacional: uma trajetória.** Brasília: MinC/Sphan/PróMemória, 1980. \_\_\_\_\_. *Restauração e revitalização de núcleos históricos: análise face à experiência francesa.* Brasília: FNpM, 1980. (Seminários - 1);

TARGINO, Itapoan B. **Patrimônio Histórico da Paraíba- 2000/2002.** João Pessoa: Idéia, 2003;

VAUTHIER, L. L. **Casas de residência no Brasil.** In: Arquitetura Civil I: Textos Escolhidos da Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. São Paulo:MEC-IPHAN, 1981;

VERÍSSIMO, Francisco Salvador. **500 anos da casa do Brasil**. Francisco S. Veríssimo e William S. M. Bittar. \_ Rio de Janeiro: Ediouro, 1999: il;

VERAS, C. C. L. **O espelho de Narciso: uma visão histórica das transformações urbanas em Campina Grande (1935-1945)**. Monografia (Graduação)- Departamento de História e Geografia da Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande, 1988;

**WEBSITE**

- <http://www.academia.org.br/academicos/joaquim-nabuco/textos-escolhidos>  
*Acesso em 12/10/2018*
- <http://arquitbrasil.wordpress.com/2009/09/28/arquitetura-ecletica>  
*Acesso em 21/11/18*
- <http://arquitracobrasil.wordpress.com/periodo-colonial-1530-a-1830>  
*Acesso em 13/10/18*
- <https://arquiteturaelugarcg.blogspot.com/2015/06/arquitetura-art-deco-em-campina-grande.html?view=flipcard>  
*Acesso em 29/07/2018*
- <http://cgretalhos.blogspot.com/>  
*Acesso em 27/10/2018*
- <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/de-vila-a-cidade-expansao-urbana-de-campina-grande-seguiu-avanco-economico.ghtml>  
*Acesso em 09/10/2018*
- <https://www.lettras.mus.br/jackson-do-pandeiro/1850071/>  
*Acesso em 18/08/2018*
- MORAES, Vinicius. <http://letras.terra.com.br/vinicius-de-moraes/49255/>  
*Acesso em 14/07/2018*
- <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/10/campina-grande-145-anos-uma-historia.html#.XA-rC2hKi70>  
*14/07/2018*